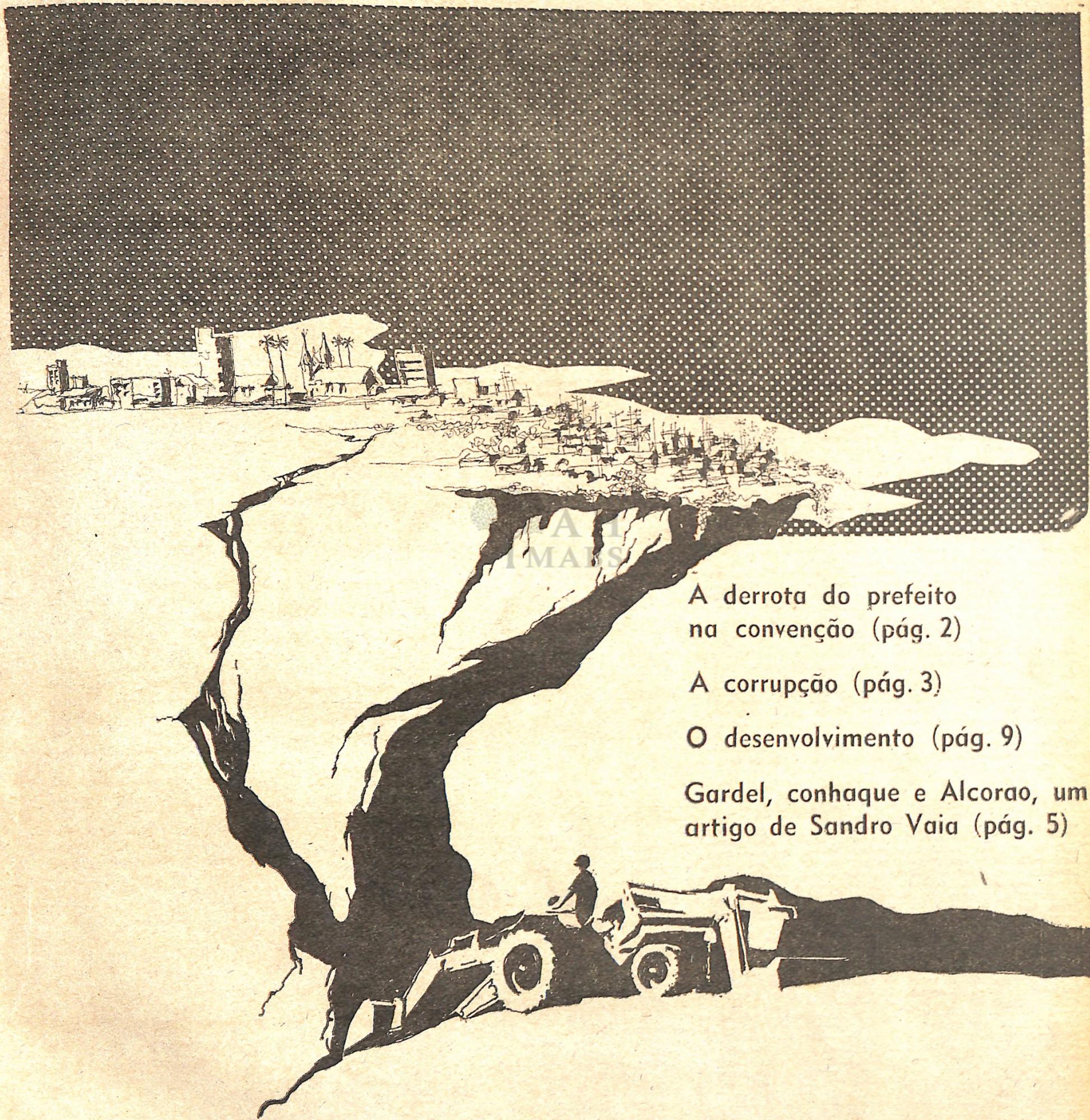


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 13 A 20 DE JULHO DE 1975 — N.º 2



A derrota do prefeito
na convenção (pág. 2)

A corrupção (pág. 3)

O desenvolvimento (pág. 9)

Gardel, conhaque e Alcorao, um
artigo de Sandro Vaia (pág. 5)

Os sinos dobram for me and my gal

Ernest Hemingway, também conhecido como Spencer Tracy, o velho, costumava dizer que se escreve apenas para uma pessoa: a pessoa amada. Mesmo que ela seja analfabeta.

Saída da boca de um cabra macho, que aos 80 anos ainda dava tiro de carabina no dedão do pé, a fala é pelo menos "curiosa" (como diria um ex-patrão meu, que, aliás só dizia isso). E si non é Vera, é Lígia, Irene, Anne Baxter ou outras, impúblicas e mais doloridas.

Embora bem mais moço e bem mais inédito que o escritor, repórter, caçador e amoroso Ernest "Barba Blanca" Hemingway, concordo com ele. O que talvez explique minha total dificuldade em escrever política, já que Angela Davis jamais topou um caso comigo.

Porém, entre um e outro arfar deste peito onde pulsa um terno e romântico coração, acontecem coisas que vão além da rima querido-embevecido e que despertam o zoon politikon que se abriga, comprimido, entre as paredes do meu imponderável aparelho intestinal. Daí as minhas periódicas flatulências sócio-

políticas pelas seções de correspondência dos jornais, numa tentativa de combater, com mau cheiro, as cacax impunemente atiradas contra a cara do povo, que tudo ouve e nada fala: "similia similibus bagunçatur", como vaticinava Eneida, líder da sublegenda de oposição a Virgílio, antes de entrar na Arena.

Das broncas mais atuais, a que tem me motivado ultimamente é a posição (position) da imprensa — desde a grande à miúda — na passiva aceitação do "press release" como fato noticioso ("press release", para os menos avisados, é aquela matéria já pronta, com as adjectivações devidamente colocadas, que é entregue pelos donos de qualquer tipo de poder e passivamente aceita pelos donos da comunicação: aceita por medo, pela corrupção, ou simplesmente pelo eunuquismo bajulatório). Há exceções, o que prova tudo.

A aceitação pela intimidação é, até certo ponto, compreensível: quem tem nu tem medo, e todos nós, sem roupa, temos certos temores (resfriados, dores nas costas, câimbras etc.).

Vender-se, numa época em

que exportar é a solução, até que chega a fazer sentido: faturar é preciso.

Agora, curvar-se, aceitar por aceitar, transerever para aumentar o coro, essa atitude bovina (ou muar?) é triste, é trágica. Duplamente triste e trágica. Primeiro, porque revela uma extrema burrice do autor da proeza: anulando a crítica, ele se anula como gente. Em segundo lugar, porque é de absoluta irresponsabilidade: a besta que faz isso está se valendo de uma certa magia, que a posição de jornalista lhe confere, para embotar cérebros menos exercitados na função cada vez mais difícil de raciocinar, a ironicamente chamada "opinião pública".

Eu não li a notícia (por isso o autor dela me perdoo pelo genérico da porrada), mas soube que loas foram cantadas à Viação Cometa pelos "novos" ônibus colocados na linha Jundiá-São Paulo.

Não são novos: eu sei que não, os passageiros sabem que não, a Cometa sabe que não (e não seria tola em afirmar que são). São ônibus cansados de percorrer linhas mais distantes e de maior concorrência e que irão se aposentar em Jundiá. O fato de serem mais modernos que os anteriores só prova que a vó Maria era mais moça que a bisá, o que não impediu que ela (a vó) também fosse desclassificada no penúltimo concurso de miss Brasil, ainda nas oitavas-de-final.

O serviço, prestado por esses ônibus, melhorou? Eles, na verdade, chegam mais depressa ao destino. Com a mesma rapidez com que tem se quebrado: na plataforma de embarque, à caminho da rodoviária, na estrada. Mas, sejamos justos. São mais modernos, têm suspensão a ar (a gente chega a ir pelos ares, a qualquer buraco da avenida Marginal Tietê), e, principalmente, chegam mais depressa — e a maioria dos passageiros têm hora pra chegar.

Porém, a melhoria de um serviço é obrigação de quem se propõe a servir, principalmente quem tem se esforçado tanto para ser o único a servir, livre de concorrentes.

E esse fato, a inexistência de concorrentes, torna ainda mais chulé as loas cantadas. O puxa-aqui: quem quiser viajar Jundiá-São Paulo-Jundiá, de ônibus, tem que viajar de Cometa, suspensão a ar ou com os fundilhos batendo no feixe de molas, não há escolha.

Why? porque, então, bajar, my God?!!!

O que foi feito "em favor" da Cometa é feito, frequentemente, em favor de construtoras de imóveis, indústrias, casas comerciais, altas e baixas autoridades. Tudo a título de notícia, tudo em nome do jornalismo.

Se o "old man" Hemingway estava certo ao dizer que se escreve para quem se ama, tem muita gente apaixonada por ramela, nesta terra que dá as mais lindas tardes ao por do sol, querida.

ERAZÉ MARTINHO

Canto Chorado

SIMÃO

Cá nos somos de novo, caríssimo ledor, ansiosos por saber que diabo disto é aquilo...

O chefe disse, naquele papelucho colorido que custou-nos os olhos da cara, que o precioso líquido estaria jorrando nas torneiras já no primeiro dia de julho.

A contradizê-lo, logo a seguir, vem o DAE, com lágrimas de crocodilo, implorar parcimônia aos jundiás, pelo menos até a hora em que São Pedro se decida a socorrê-los.

Qual dos dois estará com a verdade?

Nós preferimos acreditar no chefe. É ele o mandado-chuva.

O resto da fauna não manda (e não manja) bulhufas.

Se ele disse que vem água, é porque vem mesmo.

Enquanto que o outro, o que diz não vale nada. Se valesse, aqueles servidores e amigos não teriam sido marginalizados, para gáudio de novos amores.

E não é só água que vem. Vem outras coisas; ele prometeu.

Está mudando a fisionomia da bagrópolis, como

assegura o dito papelucho.

Vejam só que arranca-da!...

Walmor deixou 1.500 buracos; já temos 15.000! Os vazamentos que o cujo deixou já estão de há muito ultrapassados em todos os quadrantes onde a linha "cristalina" emerge fluentemente em graciosas fontes multicores.

A rodoviária é um modelo, atraindo turistas e copiadores. As ruas do cemitério estão uma lindeza.

A seção dos bombeiros acha-se enriquecida com a incorporação de mais três audazes soldados do fogo.

São frutos do chefe! E que frutos!...

Como se vê, é uma insensatez gritar contra os impostos.

Anda tudo bem, que melhor não poderia andar.

E o córrego do Mato, que espetáculo, que monumento!

A vizinhança está tão entusiasmada que, no dia da inauguração, vai perpetuar a efeméride numa placa de bronze, onde se lê:

— Aqui, a obra que abunda E Petronilha mostra, Com esplendor,

Uma nova era que de sol [inunda

O progresso, a idéia e o [idealizador.

DE COMO O PREFEITO FOI DERROTADO NA CONVENÇÃO DA ARENA

Os resultados da convenção arenista de domingo último vieram demonstrar que não procediam, embora se justificassem plenamente, os temores partidários em relação à possibilidade de o prefeito enfeixar em suas mãos o poder de escolha dos candidatos à sua sucessão e, por esse meio, encaminhar a continuidade do seu absurdo governo.

O aliciamento coercitivo de novos filiados, a pressão exercida sobre funcionários ocupantes de cargos em comissão, o dinheiro gasto no fornecimento de condução a centenas de convençionais, tudo isso não significou mais do que 1.412 votos para a corrente prefetista, à qual não restou senão o último lugar na ordem de votação das chapas que concorreram.

Considerando que ainda assim a referida corrente alcançou pouco mais de 20% (vinte por cento) do total de votos apurados na convenção da Arena (5.585), terá ela no novo diretório uma acanhada representação e poderá, no próximo ano, indicar ao menos um candidato à sucessão municipal. Vê-se, desde logo, que goraram os planos do sr. prefeito de assumir o comando absoluto do diretório arenista e de responsabilizar-se pelo preenchimento das três sublegendas do partido para as eleições de 1976.

Ao fazermos estes comentários, vêm à mente a idéia de tentar estabelecer algumas razões do fracasso dessa chapa encabeçada pelo prefeito e que tanto se temia.

Tomemos por base, para esta análise o conteúdo dos manifestos divulgados pelo prefeito durante sua atual gestão. São todos apelativos no sentido de proporcionar ao público uma idéia de dinamismo empregado a qualquer custo, na base dos antigos refrões populistas. O último destes manifestos — aquele de domingo, dia da convenção do seu partido — sem dúvida esclarece estes pontos, quando afirma ter ele realizado "coisas nunca dantes realizadas" fosse no Departamento de Aguas, ou na Assistência Médica e se prolongou em grandiosidades.

Naturalmente, o prefeito foi julgado pelos seus atos. Se ele pretendia provar ser um homem do futuro, os homens do presente, que vivem o dia-a-dia da cidade, que pagam suas contribuições municipais, reagiram na forma de impedir, em primeira instância, na fase partidária, que este homem continuasse a destruir, sistematicamente as bases da nossa organização econômico-social, de nossa história, de nossas razões de existir radicados nesta cidade. E o resultado está claro, nos números, nas proporções, na capacidade política demonstrada pelo prefeito quando este, mais uma vez, foi obstado pelo povo de continuar seu mandato absolutista como pretendia. Foi evitado um dos fenômenos mais marcantes da nossa vida política, quando, antes do habitual continuísmo, nos vimos diante de uma radical demonstração de valores democráticos. A atual convenção demonstrou que teremos opção na escolha do futuro governante da cidade, e do futuro de Jundiá, como cidade e não como um simples entreposto de comercialização de interesses nem sempre coadunados com os aqui desenvolvidos anteriormente. Estamos passando por águas turvas, já que existe muito movimento de terra nas nossas margens.

Autocrítica não faz mal a ninguém

Nem queiram saber o bofe que deu na redação quando estava para ser fechado o n.º 1 (juro que era para ser o 0) deste semanário. A turma estava tão ligada na coisa, tão ligada mesmo, que andou até levando originais para o Chopão a fim de curtir melhor as matérias que iriam ser publicadas. No fim, não deu outra coisa: o diagramador encontrou originais só para oito páginas, quando o previsto eram doze.

Passada a tempestade do primeiro número, o pessoal se reuniu, dialogou, fez contas de chegar e tudo foi resolvido, digo, o redator-chefe foi absolvido. A anemia do n.º 1 seria atribuída a "problemas de ordem técnica" ou à "quebra de uma de nossas impressoras" e tudo bem. Afir-

nal, os leitores já estão tão acostumados com desculpas desse tipo que nem ligam mais.

O importante — concluímos — era que o fato não se repetisse neste n.º 2. Pensando nisso foi que a diretoria deu mãos à palmatória e cuidou de contratar a meia dúzia de elementos que ainda estava faltando para completar a infra-estrutura pedida pelo redator-chefe. Como pagar esse pessoal extra ficou sendo problema para o nosso leitor, que dentro de mais uma semana estará desembolsando duas pratas (ou alumínio?) para ter o jornal nas mãos. Isto se não quiser desembolsar setenta de uma vez para recebê-lo em casa durante seis meses ou cento e vinte por um ano.

Destarte (com a licença do Marcos Pantoja), a repercussão do lançamento superou as mais otimistas expectativas (vejam que até o JJ falou nele) e passamos a semana toda atendendo pedidos de gente que queria ter o n.º 1 para poder acompanhar desde o princípio o segundo centenário da imprensa de Jundiá.

E, retornando agora às mãos dos leitores (já com força total), este semanário traz uma variedade maior de assuntos, deixando armadas mais algumas polêmicas que valerão a pena acompanhar, especialmente de longe.

Se não sobrou nada para você nem no n.º 1 e nem neste segundo número, espere até o próximo que poderá ter. Pois tem para todos. C.F.P.

N&O

As alterações da Telesp

BOTANDO BANCA DEVIDAMENTE

Cedinho da terça-feira que sucedeu ao lançamento do n.º 1 deste J 2.a, a maioria dos viajantes que tomava condução na Rodoviária (é esse o nome?) empunhava o semanário.

Responsável: o proprietário da banca de jornais ali ao lado, que distribuía o jornaleco pra todo mundo.

Uma colaboração preciosa que revela, antes de mais nada, um elevado espírito de jornaleiro: tem publicação nova, vamos divulgar.

Parabéns e muito obrigado.

(E.M.)

DEMOCRACIA DOS BRAHMAS

A sra. Indira Gandhi, em declarações recentes, afirmou que mais importante que a democracia é a nação. Que nação é esta: um feudozinho particular? Pretende a referida sra. isolar o que tem de mais nobre um povo, que é o seu regime político? Ou estaria querendo impor ao mundo um conceito novo, onde o ideal para a Humanidade seria a aceitação pura e simples de padrões determinados por um sistema de classes? (W.H.N.)

EXPEDIENTE JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda. Rua Senador Fonseca, 1044

Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula Arte: Celso Eduardo Pupo Suzana Traldi de Souza

Oficinas impressoras: Diários Associados — Rua 7 de Abril, 230. São Paulo Assinaturas: Semestral: Cr\$ 70,00 Anual: Cr\$ 120,00

EDITORIAL

Sorvete quente

Mês de julho. Jundiaí enfrenta um dos mais frios invernos já registrados por sua história. A televisão ganha, nesta época, uma assiduidade maior de seus adeptos, obrigando os dois principais cinemas da cidade a relaxar seus preços, numa inútil tentativa de bloquear a evasão de público, pois os vícios da programação e projeção dos filmes permanecem inalterados.

Projetam-se, neste momento, novos planos de conquista do poder político pela força do dinheiro e pela própria força do poder. São problemas que não podem ser friamente analisados numa folha de jornal, embora se os conheça e discuta até acaloradamente na praça Governador Pedro de Toledo e outros ambientes fechados à demagogia barata de aventureiros em época de convenção.

É o friozinho a nos percorrer a espinha até o infra-sud de vermos postergado o necessário-premente pelo que não urgia ser feito. É relegarmos aquele tremorzinho agradável que nos impele às cobertas, com raiva da insônia causada pelo exagero de luminárias a contrastar com a carência de condições básicas em nossos bairros.

A massa de ar frio que atingiu nossa Câmara Municipal — e, porque não dizer, nossa imprensa — já no início deste ano preconizou o congelamento dos debates em torno das prioridades-primeiras de nossa cidade e do custo do desenvolvimento imposto segundo interesses de poucos e do próprio imposto sacrificando a vida de muitos.

E como Minuano a soprar dos Pampas aí está o dinheiro a silenciar as intenções, outrora ferventes, de combate à ignorância e primarismo de nossa sociedade. E assim fechando o ciclo vicioso, pois estes são também consequências daquele.

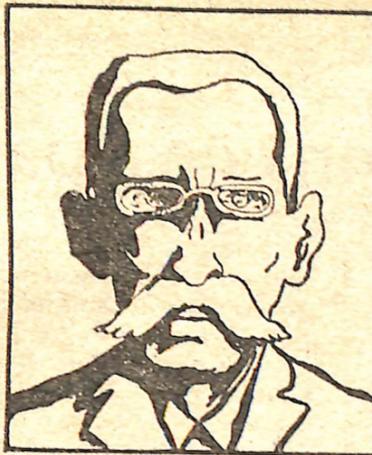
Espera-se, ansiosamente, o degelo do iceberg que se fez em torno das intenções do desenvolvimento ora pretendido no Município. Não há cobertor que possa evitar a dúvida tal como a que existe em relação aos custos aceitos para a obra de significação discutida dentro da Jundiaí atual que reclama mais calor para os aspectos mais simples de sua vida.

Admitirmos este frio sem uma tentativa de... é nos convenceremos que o sorvete quente, pelo seu equilíbrio térmico — fonte fria-fonte quente — não provocará ultrapassagem no nosso regime hipocalórico, desde que não comamos a cereja que vem por cima.

Na presente edição, retornamos a alguns temas que nossos leitores julgaram mais oportunos e incluímos outros que estão, a partir deste instante, no aguardo de uma apreciação para nos criticarmos, nos incentivarmos ou admitirmos que nada possa ser feito para mudar o quadro atual das coisas. O que equivaleria a aceitar que as coisas não devem ser mostradas.

C.F.P.

Por que a corrupção?



Francisco de Assis Oliva

Da prova triplice a que deve ser submetida a gestão pública, ou seja — seriedade, conveniência coletiva e eficiência, o primeiro aspecto é, sem dúvida, fundamental. A honestidade e a inteireza de caráter são condições essenciais do bom administrador, para que suas decisões sejam voltadas integralmente para a comunidade, sem qualquer concessão aos interesses particulares.

Infelizmente, porém, essa não é a regra comum. Os atos públicos nem sempre revestem-se da lisura que seria de desejar. É por demais frequente o trato inescrupuloso dos recursos coletivos.

Por que ocorre a corrupção, nas suas mais variadas formas e graus? Quais as condições que propiciam seu aparecimento? Como evitar e combater esta doença terrível que, qual câncer insidioso, debilita e acaba por destruir qual-

quer estrutura política ou social?

De tanto ver triunfar as nulidades,
de tanto ver prosperar a desonra,
de tanto ver crescer a injustiça,
de tanto ver agigantarem-se os poderes
nas mãos dos maus,
o homem chega
a desanimar-se da virtude,
a rir-se da honra,
a ter vergonha de ser honesto!

(Ruy Barbosa)

quer estrutura política ou social?

É tão grave e generalizado o problema da corrupção, que passou mesmo a ser considerado tópico importante a ser analisado pela Ciência Política. Recentemente, no início de junho último, a "University of Sussex" realizou, em Malta, com a participação da "Royal University of Malta", um seminário internacional em que eminentes cientistas sociais discutiram o fenômeno da corrupção, em especial nos países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento.

A corrupção e seus parceiros — a demagogia e o aventurismo — instalam-se com facilidade no seio das massas ignorantes e despreparadas, desprovidas de formação cultural ou política. Costumam crescer nas sociedades em desenvolvimento, onde imperam a especulação e o ganho fácil, e onde o vulto dos recursos públicos e a

importância dos favores oficiais atingem dimensões inéditas, excitando o apetite e a cobiça.

O Brasil, na sua arrancada para o desenvolvimento, enquadra-se precisamente nessa situação. Não é de estranhar, portanto, a presença sombria do fantasma funesto, que se pressente e se entrevê rondando e ameaçando nossa sociedade. Todos tememos o demônio. Mas, para exorcizá-lo, não é suficiente que se lhe tenha apenas ódio ou repugnância. É necessário agir contra ele, atacando as bases onde se assenta e onde deita suas raízes. Se não queremos a corrupção, precisamos combater a ignorância e o primarismo da nossa sociedade. É necessário que o povo cresça em cultura e política. É importante despertar a consciência coletiva. É indispensável ressaltar os direitos e os deveres de cada um frente aos demais. É preciso cultivar o respeito mútuo pelo bem comum.

**"Desperto cheio de boas intenções,
com o correr do dia estas desfazem-se
como a neve ao sol" (Voltaire).**

Execução dos orçamentos: a necessidade e o sonho

ALBERTO TRALDI

Toda a economia municipal tem a sua capacidade orçamentária limitada pela sua receita somada à possibilidade de endividamento. Tanto a receita superestimada, como o endividamento inviável podem levar o erário municipal à insolvência.

Assim, para uma aplicação eficiente dos recursos no sentido do maior benefício presente e futuro dos munícipes, é fundamental que o orçamento seja realista e que estabeleça rígidos critérios tanto na aplicação como na seleção de investimentos prioritários.

Em nosso País, como resultado de inexperiência política e econômica, geralmente os orçamentos e a destinação dos recursos funcionam principalmente no atendimento dos interesses políticos e eleitorais dos administradores, com a conivência de câmaras mal preparadas.

Daí, um esbanjamento desregrado de recursos com a admissão de funcionários desnecessários, com

a criação de cargos e funções supérfluos, tudo no sentido de aumento do colégio eleitoral, e não no do interesse verdadeiro da comunidade.

O mesmo sucede no planejamento de investimentos em obras públicas. Os investimentos prioritários raramente são selecionados no sentido de virem a garantir uma sólida estrutura de base aos municípios.

O planejamento básico é relegado quase sempre e os recursos são encaminhados preferencialmente para a execução de obras suntuárias, que despertem a atenção e a admiração da maioria menos avisada da população.

Sobrevoando-se à noite o Brasil, é extraordinário o resplendor das luminárias sofisticadas em paupérrimas cidades do interior, totalmente desprovidas de escolas, de serviços de águas e de redes de esgoto. A lâmpada de mercúrio tornou-se um símbolo do "status", não do município, mas de seus "progressistas" administradores.

A maioria de nossos municípios tem seus orçamentos deficitários, suportando um endividamento progressivo, não pela execução de serviços básicos, mas pela ostentação magnífica de obras suntuárias. E assim, num desperdício inútil, quase todas as nossas cidades exibem vaidosamente seus elefantes brancos, seus mausoléus irrealistas, mas dispendiosos, inúteis e de difícil manutenção.

É absolutamente necessário que nossos prefeitos e vereadores comecem a encarar realisticamente os grandes e inúmeros problemas que afetam os municípios. Que o critério na seleção das prioridades tenha caráter técnico e não político.

E, que levem em conta o fato de que quando foram conduzidos à posição de decisão, quem os escolheu esperava realmente soluções práticas, realistas, que se dirigissem efetivamente para o bem-estar do povo e não do que o governam.

Aqui, as fórmulas existentes:
A política é o sonho de qualquer cidadão?
Estamos vivenciando uma época própria para tais investimentos? Posso ser candidato?
De que lado estamos?

Convenções partidárias

VIRGÍLIO TORRICELLI

Já dissemos da inconveniência de se constituírem as bases partidárias de maneira desordenada, quando as filiações são feitas com o objetivo de apenas demonstrar liderança política e não com o propósito de fortalecer a legenda.

Há um engano que convém esclarecer. A liderança política não se demonstra filiando cidadãos a esmo, mas se prova, sim, submetendo-se às urnas. Conseguir milhares de fichas partidárias não quer dizer que se tem ao lado todos estes filiados. Nada disso.

Se tal assertiva fosse verdadeira, nas eleições passadas a Arena, com mais de 12 mil filiados,

não teria levado aquele banho; ficou claro que os "líderes" não funcionaram, pois os filiados não votaram sequer no partido.

Um partido com mais de 12 mil e tantos membros, mais familiares e amigos, não pode perder nenhuma eleição numa cidade de 80 mil eleitores.

Daí a afirmação de que tal procedimento não fortalece os partidos; ao contrário, serve apenas para inflá-los.

As lideranças políticas se testam e solidificam nas urnas e na fiel execução de mandatos. Assim, o político que já foi candidato e conquistou a simpatia de parte do eleitorado, elegendo-se ou não, demonstra liderança, seja ela maior ou menor.

Quem ainda não experimentou o gosto amargo ou doce de uma eleição, é claro que poderá sentir-se melhor que aqueles que já tiveram tal experiência; porém, é-lhe proporcionada apenas uma expectativa de liderança.

Aos diretórios eleitos nesta convenção de 13 de julho caberá, juntamente com os vereadores, a incumbência de indicar os candidatos às eleições municipais de 1976. Nesta altura é que são distribuídas as sublegendas.

As sublegendas, criadas num estalo de criatividade muito comum a nós brasileiros, representa o maior ponto negativo do nosso sistema eleitoral no momento atual. Colocando num mesmo balaio gatos e

sapatos, ou melhor dizendo, políticos das mais variadas origens e filosofias, como os antigos membros do PSD, UDN, PTB, PDC e outros partidos extintos, tinha que dar no que deu. Ou seja, em nada. Nem a Arena nem o MDB podem ser considerados autênticos. São o que são.

Naturalmente, esperava-se que, com o tempo, os políticos fossem se aglutinando em torno de uma filosofia. Nada mais falso; aglutinaram-se apenas em torno de uma sigla, não de uma ideologia. E continuam existindo as diferenças e lutas e não há condições de se eliminar as sublegendas sem que pare a ameaça da eliminação dos partidos, o que, evidentemente, não está interessando nem a

gregos nem a troianos. A não ser que se "invente" outra fórmula, bem ao nosso estilo, do "jeitinho", o que fica é mesmo a luta dentro dos próprios partidos.

Na verdade, o funcionamento das sublegendas representa a luta interna, onde grupos se digladiam com os sorrisos mais abertos e "abraços de taman-duás".

Virão as eleições municipais e um candidato, para se sobressair ou eleger-se, de maneira alguma poderá enaltecer seu *companheiro adversário*. E, em não podendo falar bem do dito cujo, de duas uma: ou *isola* ou *desanca o pau*.

Na próxima semana estaremos examinando outro ângulo dessa problemática: aquele que dá "zebra" no resultado.

CONSEGUIREMOS SAIR DESTE DESVIO?

WOLF HERBERT NOSSAK

Desde o tempo que residimos nesta cidade, temos trocado idéias com moradores de outras, sobre problemáticas várias. E, nessas ocasiões, procuramos, naturalmente, propagar os méritos de nosso bairrismo adquirido. Daí, o que acontece? Sentimo-nos sempre barrados na argumentação por interrogações que, em geral, fazem com que mudemos de assunto.

"De onde é você? Jundiaí???"

Percebe-se, na rodinha, um misto de espanto, incredulidade e gozação. Como se Jundiaí não existisse no mapa.

"Ah! sim. É aquela cidade que fica ao lado da Anhanguera, não é?"

Quebrado o mistério, vem outro:

"Puxa! Nunca imaginei que pudesse ser assim. Um dia destes, indo pela Anhanguera, por curiosidade resolvi chegar à sua cidade. Quando estava entrando imaginei que tinha me enganado; pensei que se tratava de algum mal cuidado e distante bairro da Capital. Aquilo onde o ônibus pára é o centro? Por que não se alargaram e se calçaram as ruas? A largura das calçadas seria por acaso atração turística? O pessoal de lá, acredito, deve procurar divertir-se em São Paulo ou

Campinas, não será isso mesmo?"

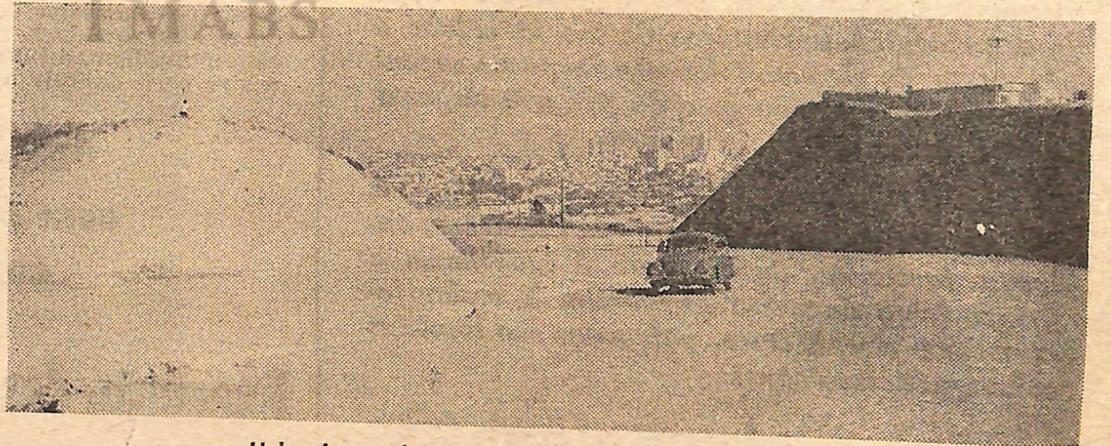
Tomados de surpresa — aliás, uma surpresa que se repete —, sentimos subir à garganta o nó histérico do asco pelos nossos homens públicos, da vergonha de participarmos, sem nada oferecer, de uma mesma coletividade.

A frustração ainda aumenta quando, ao tentarmos o regresso a Jundiaí, por meio de transportes coletivos, ou somos obrigados a descer às margens da Anhanguera, ou nos sujeitar — mesmo nos famigerados leiteiros — a baldeações sempre cansativas. Ainda mais quando sabemos que nossa potencialidade turística está sendo escarificada para aterros de insuspeitíssimas aventuras urbanísticas de questionável utilidade e quando vemos propagar o turismo piegas de isolados convescotes escolares.

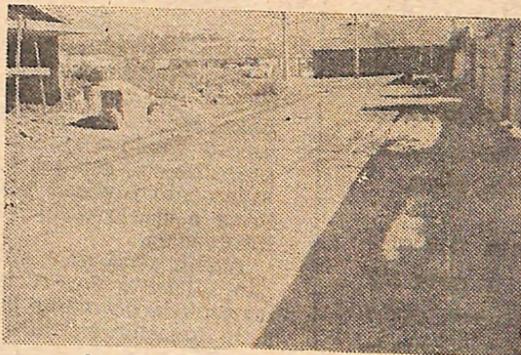
O pejo transborda de nós mesmos ao termos conhecimento de um fato que o tempo provavelmente confirmará: as forças que atualmente dominam a nossa política vão usar de meios os mais chãos, conduzindo interessinhos particularíssimos, para conseguir, nas agremiações eleitorais, a representação que os possibilite perpetuar a desgraça.

Resta-nos, porém, a esperança de que o povo jundiaíense saiba recusar guarida a tais pretensões.

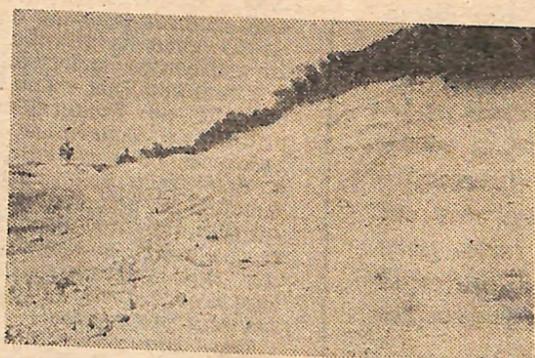
Faz escuro, mas eu canto, pois o amanhã já vem chegando...



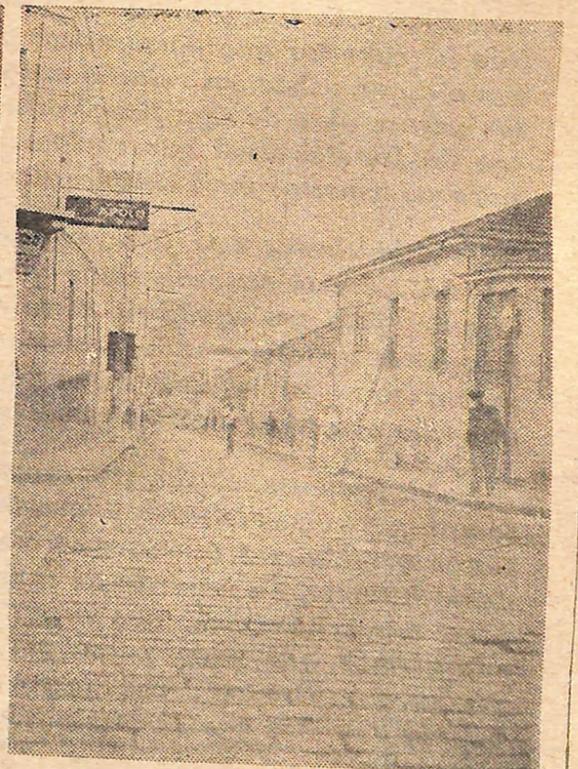
Urbanismo de questionável utilidade



A quatro quadras do centro



Escarificando potencialidade turística



Calçadas, uma atração turística?

Gardel, conhaque e Alcorão

Pegue duas fatias de limão vinagre, dois tratores da Andrade Gutierrez, um pouco de consciência coletiva das elites emergentes, e ponha no liquidificador.

Misture com algumas páginas de jornal, de preferência aquelas que falam em meliantes, secretárias ou comerciantes e deixe secar durante três horas.

Desça até o porão, ligue a vitrola e ponha um disco de Carlos Gardel, ou Gato Barbieri, e deixe tocar por 3 vezes consecutivas.

Leia a história de Petronilha Antunes, faça a barba com Gillette II, e dê três voltas em cima da Ponte Torta, indo e voltando (falo da ponte arquitetônica, não do aguardente, é claro).

Vá até o campo do Paulista, volte pela Radial Leste, e veja se consegue trazer um pouco de vergonha, para tomar duas vezes ao dia, antes e depois das refeições.

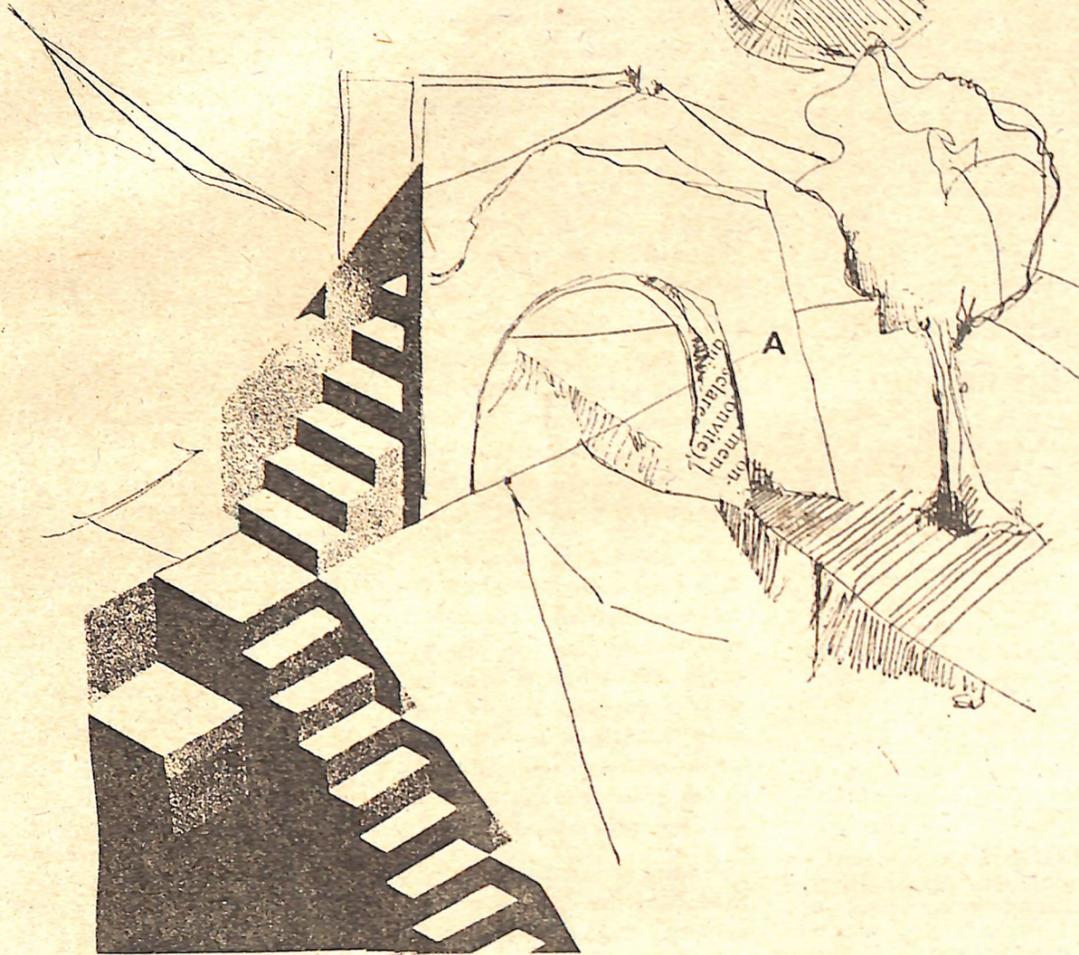
Passes duas pás de cal sobre o quadro do pintor primitivo, promova uma revolução literária, sente-se no banco do jardim, e discuta endocrinologia com um terapeuta. Na falta de um terapeuta, serve um idiota mesmo. Tem aos montes aí nas esquinas.

Depois dirija-se, com sua família, até o cine Ipiranga e coma três pratos de spaghetti-western, acompanhados de duas rugas da testa de Charles Bronson, como sobremesa.

Retire-se indignado, e volte acomodado.

Inteire-se do melhor preço da praça e não deixe que lhe façam a oferta mais baixa. Venda-se por centímetro de coluna, com abatimento de 20%, mas não aceite transações imobiliárias de segunda ordem.

Passes pela Rodoviária, apanhe um pouco de chuva e deixe o ônibus partir sem você.



Na volta, confesse seu amor pela mulher mais próxima, mas logo a seguir desminta tudo.

Compre, na banca, um poster do campeão do basquete, mas não se deixe seduzir pelos olhos da vedete da capa de Status. Vá até o táxi, diga impróprios ao motorista, e não recue diante das suas ameaças: por melhor que ele seja, ele é sempre pior.

Na rua, evite encontrar-se com ex-prefeitos, acadêmicos de Direito, futuros vereadores, guardas de trânsito, cobradores, radia-

listas ou dentistas. Evite até mesmo passar em frente às obras da avenida Córrego do Mato, ou a hospitais desapropriados, ou qualquer outro próprio da Municipalidade. É possível que você seja taxado, ou no mínimo, tachado.

Ao encontrar o padre, faça reverência, mas não seja servil, para evitar falsas impressões ou deslocamentos de coluna.

Ao ler jornal, arme-se de códigos para tentar decifrar as referências mais obscuras, mas ao ouvir alguém chamar heróis de vi-

lões, ou vice-versa, contenha sua revolta e dirija as ofensas a Gutenberg ou Merghentaler, afinal, o vício é de origem.

Nas noites mais frias evite os conhaques e o aconchego do lar. Prefira um vernissage, e troque sua televisão por dois quadros abstratos, três surrealistas, dois incompreensíveis e um par de botas de camurça.

Leia muito, de preferência revistas estrangeiras, para evitar saber o que se passa no mundo; desde que, claro, você não entenda nenhuma língua estran-

geira. Se souber, tente ver um filme mudo e ler os diálogos nos lábios dos personagens.

Se as tardes de verão forem muito compridas, prepare-se para ir jantar à noite no Rotary, ou dedique-se a obras beneficentes, certificando-se bem, antes, de que as pessoas beneficiadas sejam fotogênicas, ou pelo menos rentáveis.

Ponha todo seu dinheiro na Bolsa de Valores, e depois retire a metade ou o dobro, com o qual você pode mandar seu filho à Disneylandia, ou se quiser ser mais autêntico, à Vila Hortolândia, para ver de perto um país exótico.

Nunca seja mesquinho, mas se tiver que ser, avise antes.

Se um dia tiver que ir à Câmara Municipal presenciar um ato, um entre-ato, ou uma simples sessão, vista seu terno de gabardine e leia bem alto, dez vezes seguidas, as páginas ímpares do Alcorão. Se não tiver o livro à mão, use as páginas pares da Enciclopédia Barsa.

Ao almoçar com pessoas desconhecidas, convém antes perguntar-lhes o nome. Pode ser um agente funerário, um escritor, ou até mesmo um literato. Ou um mestre-escola, de olho na sua carteira, louco para trocá-la por um diploma de 30x40, escrito em letras góticas.

E acima de tudo, muito cuidado ao andar na rua, que você pode tropeçar em filatelistas, arrivistas, desempregados, sinônimos, redundâncias, iletrados ou jornalistas.

Um conselho: não facilite. Onde há punhais, há Brutus. Ou, no mínimo, melancias.

Ao fim do dia, vá até o guichê e troque uma legenda do MDB por duas sublegendas da Arena, mas exija seu troco em cigarros.

Ao chegar em casa, acenda a lareira, leia a coluna social, vire-se do outro lado e durma.

O CÓRREGO DO MATO

ELCIO VARGAS

Há que se dar crédito, neste comentário, ao refrão de que toda a obra pública, guardadas as suas proporções, representa sempre um subsídio ao enriquecimento patrimonial do Município do Estado e da Nação.

E não se pode desatrelar dessa conceituação as obras que vem sendo implantadas no Córrego do Mato, como corolário ao desenvolvimento e progresso da cidade.

Não tem, entretanto, a importância que o zabumba propagandístico do sr. prefeito vem apregoando, isso porque muito longe está de ser uma artéria de primeira grandeza.

Mas, como dissemos, faz jus como ornamento

urbanístico de uma cidade tridentenária, mal traçada, e o que é pior, mal tratada.

Estaria merecendo os nossos melhores aplausos, como porta vozes da opinião pública, não fôra o ônus terrível que seu preço impôs à coletividade.

Quanto ao seu fim utilitário, releva dizer que por muitos e muitos anos ainda estará servindo a um núcleo populacional por assaz limitado, enquanto que exige pesada carga tributária a todos os setores da atividade municipal e muito especialmente à sofrida classe proletária que a duras penas vem pagando as suas casas.

O sr. prefeito tem o mau veso de confeccionar cartazes caríssimos para apregoar ao povo

que as obras se fazem à conta dos impostos.

Gasta dinheiro do erário para dizer, como pretendo carismático, que a sua criatividade aflora, como cogumelos, por todos os recantos do município.

Que as obras se fazem à conta dos impostos, já o disse antes dele o Conselheiro Acácio.

Para que botar tanto dinheiro fora para contar aquilo que todo o mundo sabe.

Ao administrador, porém, cumpre cobrá-los sem escorchar o contribuinte, como desgraçadamente vem sendo feito em nossa terra.

Obras de real serventia, muito mais importantes de que o Córrego do Mato, tais como a Avenida Jundiaí, o Viaduto sobre os trilhos da

Paulista na Ponte de São João, o popular "Bollão", o Parque da Festa da Uva, a Estrada do Caxambú, foram feitas a mingua de recursos, sem qualquer sacrifício da população.

Só assim se poderá compreender uma boa administração, realizando com economia sem encher as sinecuras com secretários ociosos.

O Córrego do Mato deixa muito a desejar como obra prioritária.

O centro sujo e mal cuidado e os bairros sem luz, sem água, sem esgoto e sem pavimentação reclamam a infraestrutura que lhes assiste preferencialmente.

De nada adiantam os panfletos coloridos cantando loas a uma administração que, ao contrário, o povo está vendo ei-

vada de defeitos e de desperdícios como afirmaram os srs. engenheiros que examinaram o chamado "Contrato de Gutierrez", onde se jogou pela janela afóra mais de 40 milhões de cruzeiros.

Isto posto, o que se quer do sr. prefeito é parcimônia nos gastos, evitando novos aumentos dos impostos, senão como é que vai ficar aquele pobre diabo que à boca do guichê, entregando o aviso ao caixa se expressou melancolicamente: "Eu vim pagar o aluguel de minha casa...".

Tenha ele calma, não solte mais rojão para não precisar correr atrás da vara, nem se esqueça que a cinta do povo está no último ilhós.

ELCIO VARGAS

Caetano, cravo & quentão

Por respeito ao autor que, coitado, mais tarde escreveria "Dona Flor" e outras Terezas, e leitores de Jorge Amado acabaram se curvando diante dos aparelhos de tv para torcer pela "Gabriela".

Deliciaram-se, enquanto durou, com a deliciosa e talentosa Dina Sfat. Surpreenderam-se com a "vehlice" de Paulo Gracindo. E divertiram-se com um ou outro coronel, menos pela atuação política do

que pelo trabalho intramuros.

Até que chegou Gabriela, com passinhos de Socila em plena caatinga e com dengues de Caetano.

Só que ela leva os dengues a sério. E, pior de tudo, não canta, não toca violão, não dança.

Muito bem, o corpo dela é mais bonito. Mas com cravo e canela até gengibre dá quentão. Basta deitar cachaça.

(E. M.)

Os ratos da praça

A principal praça da cidade, ou melhor dizendo, a da Matriz, está infestada de ratos.

Há ali ratazanas tão grandes, capazes mesmo de fazer medo ao gato mais voraz.

E como vivem felizes, à tripa-forra, sem o gravame dos impostos como acontece com o gentio que vive de salário mínimo.

Verdade seja dita, não é só ali, há ratos também por outras partes...

Mas, na praça é demais. Os notívagos chegam a jogar bola com eles.

Dizem que os cuícos trazem a peste bubônica.

Não é de se crer, ou melhor, é calúnia.

Se assim fosse o nessoalzinho "habitué" já estaria todo pestiado.

Só os da praça, das outras partes não, é óbvio.

Não sei se vocês leram, eu li... naquele programinha "Progresso para a Cidade", que segundo os bisbilhoteiros custou ao "zé povo" nada menos de 97 milhões de "cruzas".

Ali está dito, confundido com outras tantas alvissaras, que em matéria de saúde esta papolândia está fazendo inveja a gregos e troianos, e termina enfaticamente afirmando que "brevemente será instalada a unidade de radiologia".

E quando se instalará a de ratologia? Precisamos acabar com os ratos desta cidade.

SIMPLICIO

"Vero spaghetti" às 3.as-feiras na TV Globo

Quem quiser ver os bons (e velhos) filmes italianos, ligue na TV-Globo, às terças-feiras, 10.50 da noite.

É uma temporada que a Globo chama de "Cinema à Italiana", com filmes de Germi, Fellini, Antonioni, De Sica e outros. A série começou no dia 8, com "Ladrões de Bicycletas" (De Sica), um filme que a dublagem porca e as repetições anteriores não conseguem destruir.

No anúncio de chamada, feito pela emissora, consegue-se saber que "A Doce Vida", "Milagres em Milão", "A Noite", "Os Boas Vidas" estarão no programa. Já é mais do que bom.

(E. M.)

Nos camarins da notícia

Em nome da "descontração" na notícia, a Rede Globo botou no ar o jornal "Amanhã", no horário onde antes havia o Jornal Internacional.

O novo informativo é uma espécie de Reader's Digest (que em português significa "Realidade") do jornalismo, com a mesma unilateralidade de notícias, entrecortado por amenidades do tipo Richard Nixon dormia de cuecas, mesmo com os microfones todos ligados.

Não fosse a "boquita pintada" da Márcia Mendes dizendo essas coisas, o jornal poderia sair encartado em "Sétimo Céu", em vez de ficar no ar.

Asfalto é fogo!

Do impresso, timbrado pela Prefeitura Municipal de Jundiá, utilizado como proposta para o asfaltamento da cidade, consta, entre outros dados: as condições do financiamento, o lugar para o OK do cidadão e, estranhamente, uma espécie de protocolo onde o discordante deve assinar que discorda.

Na Idade Média, os bruxos também eram obrigados a sacramentar, de próprio punho, que eram bruxos.

Lá fora, a fogueira crepitava.

(E. M.)

Excesso de zelo

O frio que tem feito em Jundiá nessas últimas noites tem sido de emudecer o apito de qualquer vigilante particular. Nem mesmo compassadas doses de conhaque melhoram a qualidade do sôpro. Se ladrão estiver trabalhando noites assim, nem precisa se preocupar: os homens da vigilância mantêm-se à recomendada distância para que tudo corra bem. Para o marginal e para eles. (C.F.P.)

Entrevista no Canal 13: reabilitada

A entrevista ao vivo, que já viveu grandes momentos nos primórdios da tv ("Pingos nos Is" e outros), e que agora vive de mesas-redondas de futebol (nossa!) e de sonolentos pronunciamentos "em cadeia", está se reabilitando através do programa "Entrevista", do Canal 13, Bandeirantes.

Às segundas-feiras, onze da noite, políticos e personalidades públicas respondem perguntas de entrevistadores sérios e do público, por telefone, sobre como anda a vida nacional.

No último programa do dia 7, o governador dos paulistas foi o entrevistado, revelando uma serenidade muito distante da fúria em que se apresentava nos comícios do ano passado, antes do histórico 15 de novembro, quando afirmava que governaria com a lista das apurações nas mãos.

A causa da mudança? Criatividade política (é esse o nome?). "Meno male, ecco!"

(E. M.)

Cartas ao Olney

Pois é. O reporter de artes do Jornal da Tarde, Olney Cruse, em resposta a uma carta que foi publicada naquele jornal querendo agradecer a estes e àqueles, depois de demonstrações de carinho a "benéficas disputas de grupos" e daí por diante, disse que um "Encontro" referindo-se ao Encontro Jundiáense de Artes, "não é a rigor a mesma coisa que um Salão de Arte Contemporânea". E depois de atenuar a evidência da debilidade desta pretensa diferença, junta que pelo menos "não o é nas palavras de um título". Deixa disto, Olney, o que vale é o que está por trás do rótulo. Dizer que o Encontro não é um Salão é como dizer que a vaca não dá queijo. Há quem enturve as águas para fazer crer que elas são profundas, como diz meu velho amigo Cardenas. (I.C.)

Jornal de 2.º nas bancas

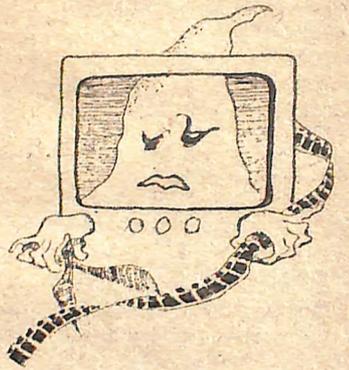
Este segundo número do Jornal de 2.ª Feira, como o primeiro, está sendo distribuído de graça. A partir do próximo, custará Cr\$ 2,00.

Censura branca

A fim de não "enegrecer" este show da vida, que é fantástico, a TV Globo deixou de divulgar as partes mais "fortes" da entrevista do mefistofélico chefe-mor da KKK norte-americana, levada ao ar, domingo último.

Como diria Roberto Carlos: "Obrigado, Senhor!" por mais esse dia de boas notícias.

(E.M.)



Seleção I e II

No número anterior (parabéns, diretoria! parabéns, redator-chefe! já temos um número anterior!), nesse número, com duas notas denominadas Seleção I e Seleção II, o Picoco opôs a Eucat Expo à Cuca, baseando-se em dois critérios: a seleção e a frequência, ou Ibope.

I. Apelou. Nada é mais selecionado (ou seletivo?) do que os artistas convidados a exporem na Cuca: e acho bom que assim seja, feira de artesanato é outro papo.

II. Apelou. Se o negócio é juntar gente, recomendo o auditório da Globo, domingo a partir das 7 da manhã: Silvio Santos virá aí, lá pelas onze.

Picoco, você errou na pontaria.

Eu disse: pontaria.

(E. M.)

Leitura & abertura

Dois importantes jornais, "Opinião" e "O Pasquim" (agora sem censura) não são encontrados nas bancas de Jundiá.

Dizem que é problema das distribuidoras: as que distribuem outras publicações aqui não trabalham com esses dois semanários. E vice-versa.

É uma questão que talvez devesse ser cuidada, pelos jornalistas ou pelas distribuidoras; estão perdendo venda certa. E estão, mesmo sem querer, fazendo com que o leitor perca a oportunidade de conhecer outras versões sobre os fatos políticos, nacionais e de fora, que são tratados uniformemente, via agências (des) noticiosas, pela assim chamada grande imprensa.

(E.M.)

Estorinha triste

Chico Capivara estava de dar dó. Uma lástima. Um molambo. Magro como a mãe da fome. Arcado como um bodoque.

Hérnia no canto esquerdo. Erisipela no gambito direito. Berreba pelo corpo todo. Pílhos e lândeas em convenção permanente. Calo arruinado. Bicheira no traseiro. Ingua no sovaco. O último dente caiu semana passada.

Comida? Quem disse que Chico Capivara comia?

Roupa? Estopa remendada.

Remédio? Erva-santa, quebra-pedra e cipó-macho.

Coitado do Chico!!! Mas ainda há gente boa neste mundo!

Um dia passou pela sua palhoça um "big" carro. Breçou, parou e buzinou.

O Capivara apareceu, escorado num pau de guaxinduva e o motorista perguntou: "Tem errada pra Santo Antonio da Porteira?"

— Nhôr não, moço. Vá sempre em frente e mecê logo chega.

No assento de trás estava um casal granfo. Madame compadeceu-se com a miséria e mazelas do Chico. Que fazer por ele? Dinheiro ela não daria, senão ele iria beber pinga. Remexe pra cá, remexe pra lá, acabou en-

contrando numa sacola uma cueca de nailon do marido. Fazia frio. E então ela, bondosa e carinhosa, disse para o Chico:

— Obrigada pela informação, moço. Em paga, deixo para o senhor este agasalho!

Conheço caso semelhante. Do Interior.

Uma cidade. Seu nome é Bagrela. Nela falta água, falta esgoto, guias, sarjetas, asfalto, luz, arborização, saneamento, praças, jardins, calçamento, etc., etc.

Bagrela está deprimida, constringida, embobrecida.

Em compensação, sobra poeira, sobra lama, poluição, mau cheiro, sobram impostos e taxas, sobram cobras e outros bichos em terrenos baldios, sobra gente em reparição que mal funciona, sobram planos no papel e muito cidadão importado.

São as mazelas de Bagrela.

Mas nem tudo está perdido, porque o povinho da cidade vai ganhar uma avenida. Curta e larga, com um córrego fedido no meio.

Chico Capivara, esfomeado, doente e molambento, ganhou cueca nova para agasalhar.

Bagrela, coitada dela, tão cheia de mazela, vai ganhar avenida sem precisar dela... (Maninho Ribeiro)

Energia nuclear: a moeda e seu reverso

A. F. PANIZZA

Estamos entrando na era da energia nuclear. Euforia Nacional. Sem dúvida a iniciativa assegura ao nosso País desenvolvido. É difícil dizer se a medida está certa ou errada porque sua dimensão em custo e tempo escapa fora ao entendimento normal. Os idealizadores e planejadores devem estar seguros quanto a tais aspectos, pois, de outra forma, não a teriam tomado. Como espectadores temos de ser um tanto "coríntios": não sabemos se com esta contratação ficaremos campeões, mas o time deverá jogar melhor. Vale dizer que o subdesenvolvimento não nos deve prender quando devemos caminhar para uma realidade que nos será necessária quando desenvolvidos.

... se.

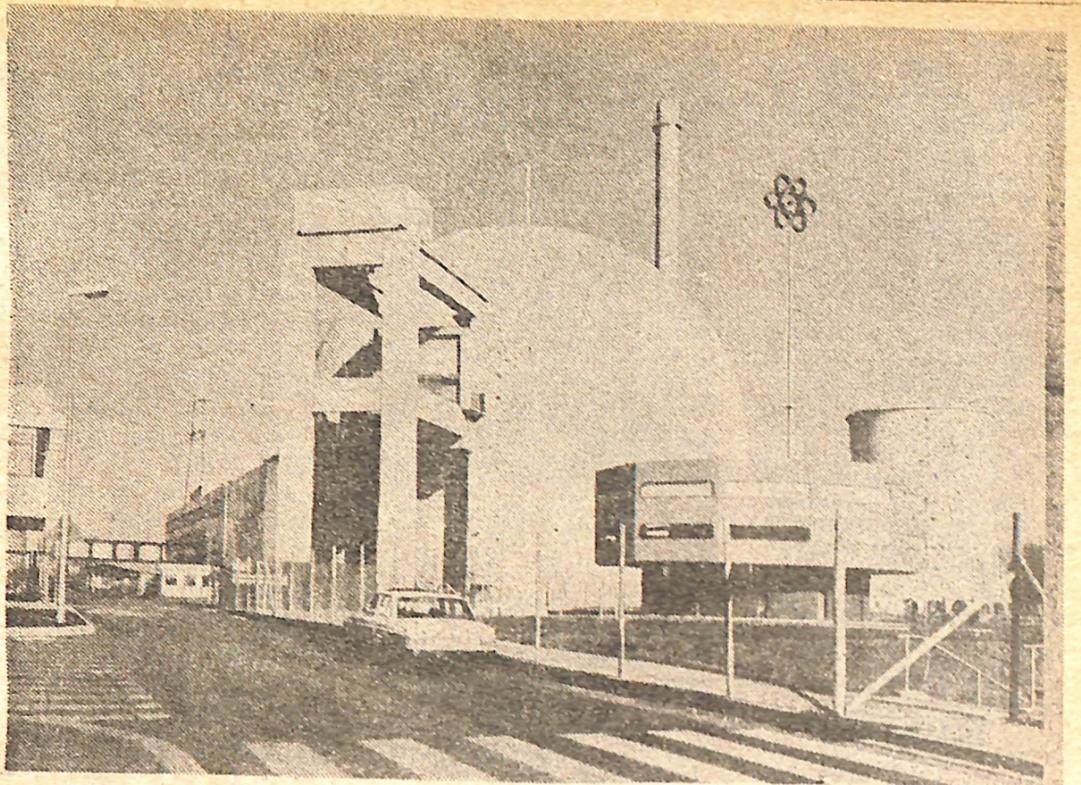
A energia nuclear, usada pacificamente, ou seja como geradora de energia elétrica, parece ser realmente fantástica. Os noticiários publicaram que a unidade exemplar alemã, para o convênio Brasil-Alemanha, é a usina Biblis. O gráfico mostra esquematicamente como naquele local a energia é produzida. Desde o reator até o resfriador, as funções mostram uma certa simplicidade, mas seu conhecimento e seu domínio implicam numa tecnologia avançada, e por certo apaixonante. Im-

gine-se que no interior da esfera metálica, cujo diâmetro é de aproximadamente 40 m, onde se acha o reator, grande parte do espaço está ocupado por equipamentos que produzem energia nuclear, portanto, altamente contaminados.

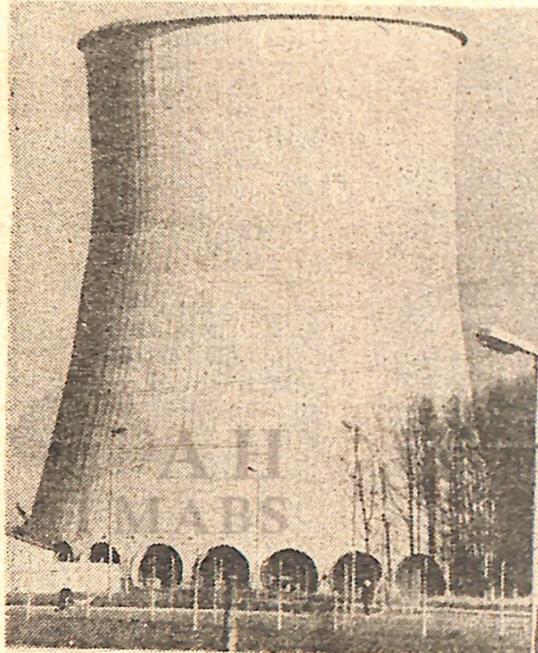
O isolamento desse espaço com o exterior obriga, não apenas a esfera metálica mas, ainda, uma câmara de vácuo a sua volta, e a cúpula de concreto, que completa o edifício na altura de 60 metros. O conjunto edificado deve assegurar, não apenas a vedação total a quaisquer vasamentos, mas também resistência a qualquer tipo de impacto dos mais pesados objetos voadores.

Do ponto de vista arquitetônico o tema é, sem dúvida, típico de nossa era. Os egípcios construíram suas pirâmides monumentais assegurando o isolamento de seus reis sepultados.

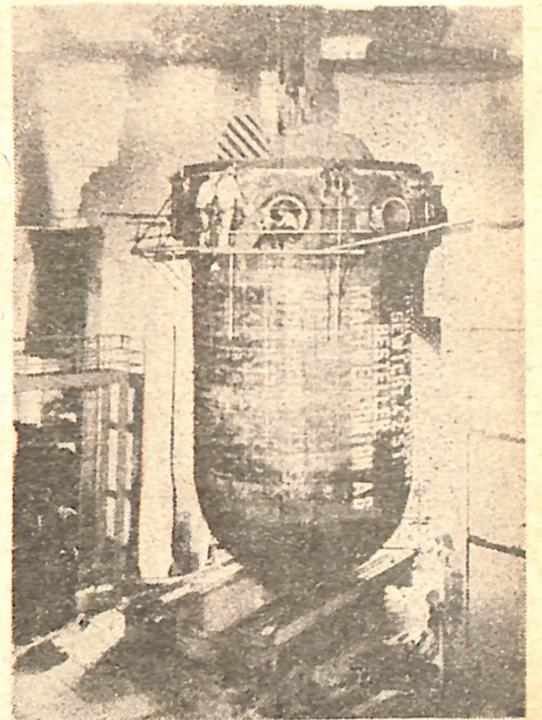
Na era medieval o peso das pedras foi usado magistralmente nos contra-fortes das igrejas góticas para a obtenção da grande altura, para assim assegurar à religião o domínio sobre os povoados. Hoje a humanidade começa a sepultar reatores, que são verdadeiras bombas em contínua explosão, tidos como necessários ou seu desenvolvimento, entretanto, deve assegurar-se de que não serão a sua própria destruição.



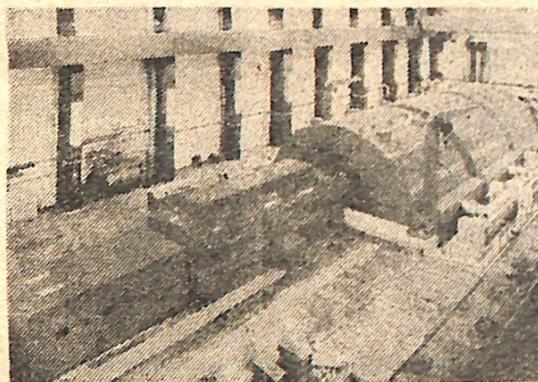
"Biblis", uma das maiores usinas do mundo, e, sem dúvida, um belo exemplar de construção típica do século XX.



Refrigerador — com 80 metros de altura — é o responsável pelo resfriamento da água.

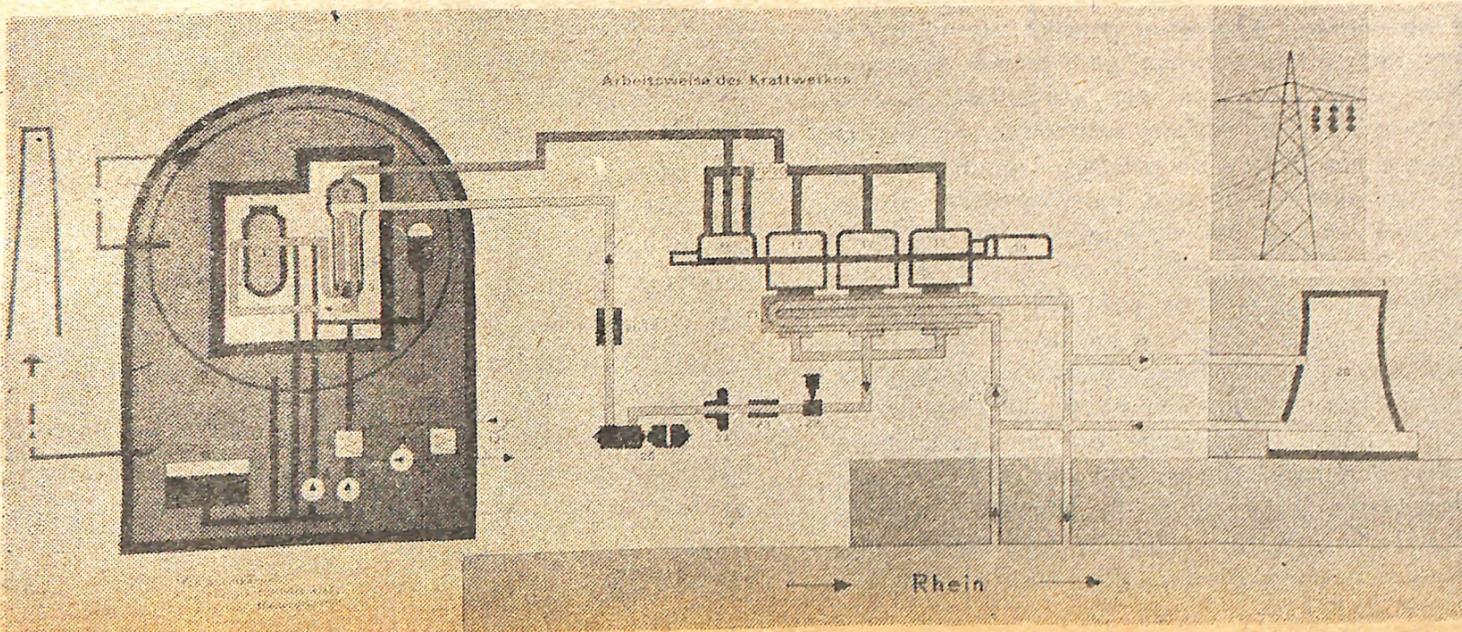


Reator — onde a energia nuclear é produzida.



Gerador — uma das duas unidades que funcionarão. Este já produz 1.200 NW.

- 1 — Reator
- 2 — Produtor vapor
- 3 — Bomba principal refrigeração
- 4 — Proteção primária
- 5 — Invólucro de segurança (esfera de aço)
- 6 — Proteção externa (de concreto)
- 7 — Acumulador de pressão
- 8 — Bombas de segurança
- 9 — Resfriamento posterior
- 10 — Câmara de inundação
- 11 — Circuito intermediário de resfriamento
- 12 — Circuito auxiliar de resfriamento
- 13 — Absorção de vasamento
- 14 — Absorção do espaço de contorno
- 15 — Tiragem de ar
- 16 — Turbina de alta pressão
- 17 — Turbina de baixa pressão
- 18 — Gerador
- 19 — Separador de água
- 20 — Superaquecedor
- 21 — Condensador
- 22 — Bomba principal da água condensada
- 23 — Pré-aquecedor de baixa pressão
- 24 — Reservatório de água de alimentação
- 25 — Bomba principal de alimentação
- 26 — Pré-aquecedor de alta pressão
- 27 — Bomba principal de refrigeração
- 28 — Torre de resfriamento
- 29 — Bomba da torre de resfriamento



N&O

IMPORTÂNCIA CULTURAL

Após dois anos de interrupção, aí está o Encontro Jundiaense de Artes. A Prefeitura jundiaense compreendeu a importância de mostrarmos um salão de artes de âmbito nacional, sendo mera coincidência estarmos à véspera do ano eleitoral. Aposto que até mesmo o carnaval de rua de 1976 será oficializado. "Abertura Cultural" é isto aí, o resto é prosa. (PICOCO).

DE GRAÇA É CARO

O preço dos nossos cinemas foi reduzido como estímulo ao público que vive grudado na televisão. Inútil medida, porque de graça os nossos cinemas já são muito caros. Assistir aos poucos bons filmes que nos chegam, tão mal projetados, com cópias mutiladas e falta de som, só mesmo pagando em cima. (Picoco)

O JUMBO É FOGO!

O Jumbo está precisando de uma boa tromba d'água. Entrou em liquidação total? Não, apenas pegou fogo. O incêndio, longe de ser de grandes proporções, as mesmas que se imaginam para tal paquiderme do comércio, não teve maiores consequências. Mas também foi o suficiente para se ter notícia de coisas, como, por exemplo, não tinha hidrante. Isso, para tamanha organização, deve ser importante. E segurança de capital empregado. Nossa zelosa Prefeitura será que não sabia disso também? Senhores proprietários do Jumbo, cuidado. A Prefeitura é obrigada a notificar, ressaltando a importância de tais esquecimentos. Com reza ou sem reza, cuidado, Eletro-radiobraz!

VEREADORES/76

Tão logo se teve notícia de que o nosso Legislativo será remunerado, um sem-número de candidatos apareceu. Quando se pensa que em 1972 os aspirantes à vereança tiveram que ser quase caçados a laço... Esse patriotismo de agora, ou melhor, do ano que vem, me parece muito mais pra inglês do que para jundiaense ver. "As I understand".

(PICOCO)

SÓ QUEM JÁ VIVEU, SABE

Quando vi a pane na hora do fechamento do n.º 1, entendi uma verdade ainda não mostrada por nenhum manual de jornalismo: a aflição do jornal diário acontece também no semanário; neste último, multiplicada por sete.

(C.F.P.)



PRA QUEM QUISER SABER DAS COISAS

Tudo vai maravilhosamente por aqui. Imaginem que conseguimos, e isto se deve ao Picoco, trazer para as encantadas páginas do hebdomadário, nada menos que Sérgio Bocchino. E com vocês, a grande estrela da nossa tresloucada sociedade. Outras podem existir, mas tão deslumbrante, jamais. Aguardem, se cocem, vêm aí coisas realmente titubeantes. A foto fala, ele fala, todos falam, mas poucos são os entendidos.

CUIDADO QUE O PROGRESSO JÁ VEM

Fomos surpreendidos pela notícia do jornal "O Estado de São Paulo" que afirma estarem preocupados os atuais administradores em modernizar a cidade quando pretendem derrubar a Ponte Torta, cortar as figueiras da praça das Bandeiras e demolir o Solar do Barão. Pois sugerimos, para maior eficácia desta ansia de modernização que, sectionem todos os vínculos históricos que ainda possuímos. Por exemplo derrubem a igreja São Bento, cortem as figueiras da Praça Tibúrcio Siqueira e acabem de demolir o já desprezado mas autêntico Grupo Siqueira de Moraes. Podem também fazer um moderno auditório no local do Coreto da Praça Marechal Floriano e completar a modernização, com a instalações de escadas rolantes no Escadão. Porque se não der para demolir a Ponte Torta, ao menos tentem endireitá-la. É uma vergonha aquela ponte torta! (E.S.F.)

Temos dois elementos distintos nas artes desta cidade. O aqui nascido e aquele que cresceu na cidade. O Jornal procura, como todos uma saída, senão honrosa, pelo menos aconchegante. Aqui podemos ver elementos que a qualquer instante podem responder, de forma teórica e em termos de produção, pelo trabalho que executam nesta terra. Inos Corradin, pintor por profissão ou por definição? Du, Eduardo Carlos Pereira, arquiteto, é um artista ou um tecnocrata? Ambos têm, pela Petronilha algum carinho. Assim como nós todos. Vivem aqui. Usam nossas instalações urbanas e na medida do possível, alteram este panorama com trabalho. Um pensa, outro sente, ou vice-versa, como qualquer de nós outros. Isto não significa que estamos nos esquecendo do Nardinho, aquele que toca cavaco, um artista fora de série e que ninguém conhece ainda. (Conheça os dois na página 12).

Tevê ou quase nada

A superprodução "Assassinato no Orient Express" está sendo anunciada para o fim do mês no Cine Marabá. Malhado pela crítica especializada, mesmo assim o filme deve ser visto, pelo menos pela presença de Lauren Bacall, Ingrid Bergman (Oscar de melhor atriz coadjuvante de 1974 por este trabalho) e de outras estrelas tão poucas vezes reunidas numa só leva.

Quando se lê Agatha Christie, a autora do romance que originou o filme, a idéia que se tem desse Hercule Poirot, seu personagem central, não é a mesma, para variar. Mas, mais uma vez, o cinema explora um personagem consagrado na literatura para utilizá-lo, transformá-lo, hollywoodizá-lo e propor, pela imagem, uma discussão em torno da obra. Neste caso, Poirot às vezes convence e só a proximidade, o rascunho cinematográfico, nos excita e nos convence a aconselhar este espetáculo. De quebra, o filme ainda apresenta um elenco de babar.

Mas não é isso que nos incomoda. Temos, real-

mente, um ótimo espetáculo pela frente, melhor, mil vezes melhor que qualquer outro "fantástico show da vida", porque, se não quiser ser um programa, pelo menos é uma edição recente, produzida pela eterna Meca do ecran, e portanto senhora dos melhores termos de elogios que se possa usar, com todos os recursos financeiros possíveis e não improvisados orçamentos perigosos a verbos discriminatórias de algum canal de televisão. Aliás, vive-se um pouco aquém destes fatos em Jundiaí. Estamos todos ligados nestas magníficas máquinas de fazer loucos, esta televisão. Provoca nas pessoas um farto langor e uma falsa noção de repouso, quando elas usam este veículo como uso das horas ociosas, ou produzam horas ociosas para curtir a televisão, seja a cores ou não. Jundiaí é a prima-dona das urbes, no cenário mundial das antenas ligadas e este fato em si concorre com as demais formas de cultura de forma desfavorável para esta propalada cultura. Não é só um bom filme que nos alertaria. Os outros espetáculos, os mais

naturais, estão sendo abandonados, e acreditamos que estamos aproximando-nos do impecável universo de Orwell, que apregoa, no fabuloso livro "1984" a única realidade, como sendo aquela apresentada pela televisão. Ela entra em sua casa, fica ali num canto eleito pelos sofás, almofadas, geladeiras, prateleiras em imbuia feitas para sustentar vícios menores, o cigarro, o barzinho, os amigos, a novela, o papo das senhoras, a sequência da vida e os "late-shows", em filmes enlatados, velhos e inexpressivos, porque não foram concebidos para tal fim. E nos esquecemos de ir ao cinema. Mexa-se. O mundo ainda continua, pela sua própria temática, a vida. A eletricidade está a nosso favor quando aquece nosso inverno, mas nos desfavorece quando o nos mantêm alheios aos hábitos vizinhos, que estão mais ali, no cruzar de rua com seus amigos, no contínuo voto de louvor que existe no tilintar de ossos. O cinema não é um fim em si mesmo, mas proporciona a variedade física do encontro. Já o teatro... (E.S.F.)

MULHER-75

É preciso conferir, em termos jundiaenses — e mesmo brasileiros — quem é que revoluciona mais a condição social da mulher: aquela que engaveta seu diploma com o casamento ou a que desde cedo assume posição de esposa.

(Picoco)

CARBENET a 0º

O Toni, que não é de esconder o jogo, chegou aqui e falou: podia até imaginar as suas respectivas senhoras, chegando à redação e vendo o jeito de vocês trabalharem. São quase dois litros por lauda. E Gabernet, Granja União, Toni. Veja este inverno. Este frio que sobe pelos tornozelos. Toni, não é zelo, são quase três da manhã. E o hebdomadário vai "pro" prelo. (ESF.)

DESAFIO

Acho impossível a existência de uma análise objetiva quando não se deve escrever aquilo que possa favorecer a ala a que este ou aquele jornal não quer ou não tem o devido interesse. Porque nem sempre é uma questão de querência: ninguém dá o que não tem.

Pode haver por aí maiores faltas de alternativas. Porém, essa é suficientemente podante para um cara que só tem a oferecer a sua própria visão, nem sempre objetiva, mas sempre disposta à visão alheia, ansiosa por não morrer em si mesma, ainda que se quebre a cara.

Já é sem tempo que se propõe uma divulgação do mundo jundiaense. Coluna social não é simplesmente divulgar nomes e acontecimentos sem opinião alguma. Ela deve refletir o parecer pessoal do colunista quanto aos fatos enfocados, partindo do real significado do termo social, que compreende toda aglomeração humana e não só um pequeno grupo de pessoas, que nem sempre tem como referência outra qualidade que não o seu nível fi-

nanceiro. Aliás, isso não significa que esse fator não seja importante, quanto mais quando diferencia tanto essa camada das outras.

É de muita valia retratar e conceituar a vida dos que, pelo dinheiro, podem fazer mais do que trabalhar, comer, beber e dormir. Por outro lado, ignorar as realizações dos mais limitados de orçamento parece-me terrivelmente injusto quanto a uma apreciação de como viver bem, malgrado suas reais impossibilidades nesse mister. Ainda, assim, vê-se por aí tantas boas produções sociais, culturais e esportivas que muita gente de dinheiro não consegue.

Sei que merece maiores considerações esta problemática, como estou convicto de que elas virão, ao se fugir das fórmulas de colunas que se pretendem culturais. Entre a proposição e a realização vai um longo passo. A picada está aberta e eu de peito aberto para dar com os burros nãgua, se esse for o caso. Em todo caso, o caminho está aberto. Que venham as sugestões.

(Picoco)

O desenvolvimento que queremos

ARAKEN MARTINHO

Desenvolvimento é a palavra mágica de nossos dias. No seu entorno se definem as várias posições coletivas ou individuais do gênero humano no mundo, hoje.

Os países se classificam em super, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

Os homens são reconhecidos como reacionários ou progressistas na medida em que, com suas atitudes, impeçam ou acelerem o desenvolvimento.

Desenvolvimento das destrezas, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento bio-psicológico são objetivos da educação.

Pede-se o desenvolvimento do mercado de capitais, o desenvolvimento da região amazônica, do 3.º mundo...

Enquanto significou a diminuição da hora de trabalho humano por unidade de produção, ou a erradicação de endemias, ou o acesso de cada vez maior número de pessoas a melhores condições de sobrevivência, ou uma cultura superior, de extremo respeito à dignidade do homem, ninguém, em juízo perfeito, poderia ou deveria questioná-lo.

Mas, de repente, descobriu-se que o desen-

volvimento é cumulativo, naturalmente crescente nas regiões já desenvolvidas, praticamente impossível de ser conseguido pelas outras regiões sem um rompimento agressivo com sua história, sem esforços e sacrifícios enormes. Criou-se a imagem de que se deveria conseguir-lo a qualquer preço. A palavra se fez tão forte que passou a valer por si mesma, não necessitando adjetivos. Caótico, irreal ou desumano, tanto faz, o importante é desenvolver-se.

E, nas mãos de homens fascinados sem exatidão, ou incapazes, ou pouco escrupulosos, ou atropelados, a palavra deixou de ter seu significado mais generoso para tornar-se sinônimo de simples crescimento, movimento, agitação, desligado de suas intenções mais nobres.

Jundiá se desenvolve. Sem adjetivos. Pouca gente até agora discutiu o preço deste desenvolvimento ou até suas finalidades.

Será mesmo do interesse de todos ou só de alguns? Será uma proposta planejada de ocupação de novas áreas com todos os equipamentos urbanos para servir à comunidade ou

simples especulação imobiliária? Estaremos crescendo com a atenção voltada para outras regiões como a Grande São Paulo, que também cresceu, mas desordenadamente, ou pretendemos ser a continuidade desse processo?

Estaremos, com este crescimento, fortalecendo o conceito de comunidade, onde os homens, acima de tudo, preo-

cupam-se com honestidade, com capacidade, com seus semelhantes, ou estaremos mudando este conceito para sobrepor os interesses individuais sobre os coletivos, onde meios justificam fins, onde a honra e a honestidade são mercadorias em prateleiras escondidas?

As riquezas que surgem são resultado de um trabalho honesto de criação consciente ou

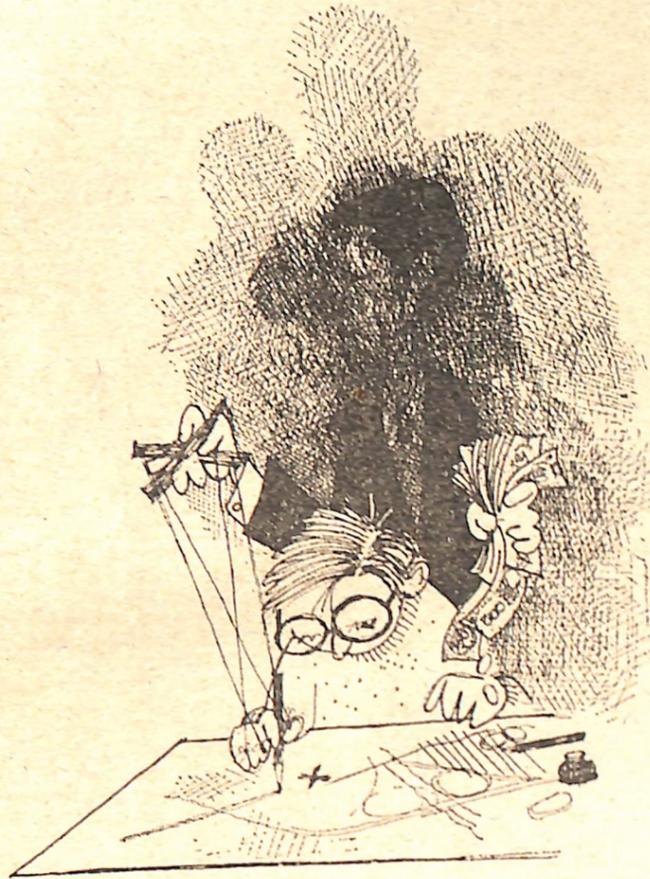
simplesmente a transferência do bolso de muitos para a bolsa de alguns?

Algo que precisa ser dito a respeito: consideramos, como Ortega y Gasset, que "... a missão do escritor é prever com folgada antecipação o que vai ser problema anos mais tarde para seus leitores e proporcionar-lhes, a tempo, idéias claras sobre a questão, de modo que entrem no fragor da contenda com o ânimo de quem, em princípio, já a tem resolvida."

Este é o sentido de nossa colaboração com este semanário: discutir com a comunidade aquilo que, prevemos, será a proposta para o desenvolvimento de sua região, venha de onde vier; colocar esta proposta diante desta mesma comunidade, sem adornos, com suas vantagens, danos e limites, para que ela, e ela só, aceite ou rejeite a política que a conduz.

Pretendemos que, com informações amplas, sem interesses particulares, sem opiniões compradas, toda a comunidade entenda a extensão do que se pretende como futuro para si mesma. E, então, decida...

Martinho



O BARTIMEU, ASSIM COMO MACUNAÍMA, ANDA PELO CAMPO.
ELE ESCUTA A VOZ DO VENTO E ENTENDE O SILÊNCIO DO
CAMPONÊS. ESCUTEM O QUE ELE DIZ, É A TERRA QUE FALA.

Estradas Municipais

Em 1969, o esforçado grupo de engenheiros agrônomos da Casa da Agricultura de Jundiá tomou para si a empreitada de transformar em números o panorama rural do município.

Com a compreensão do então prefeito dr. Walmor Barbosa Martins, o plano foi levado avante. A Casa da Agricultura recebeu uma verba de Cr\$ 50.000,00 para a realização do plano; devolveu à municipalidade a importância de Cr\$ 23.000,00 pois o trabalho custou apenas Cr\$ 27.000,00.

Como os nomes passam e a terra fica, o levantamento foi codificado em todos os setores, principalmente "estradas e propriedades".

Disto resultou extenso fichário onde todos os proprietários e propriedades ficaram cadastrados.

Com todas as informações colhidas e fornecidas, inclusive endereços, áreas, uso positivo ou negativo do solo, esperou-se que, no mínimo, a Prefeitura utili-

lizasse o cadastramento para a atualização do esquema de conservação das estradas municipais. Paralelamente ao cadastramento pormenorizado das propriedades, foram levantadas e codificadas todas as estradas do município.

Deste trabalho deveria resultar, pelo menos, um trabalho pioneiro de conservação de estradas; até mesmo surgiria um sistema de prioridades no asfaltamento de estradas municipais. Do esquema apresentado ficou evidente que a estrada 1 (Caxambu) deveria ser retificada e asfaltada em direção do Município de Jarinu. Foi asfaltada, mas empacou na área política do Caxambu. E isto vai render votos, claro. E a estrada para o Traviú também foi projetada, no entanto não foi asfaltada. E esta também rende votos. O asfaltamento desta só poderia ser efetuado se o pontilhão sobre a Via Anhanguera fosse construído na altura do Posto Santo Antonio. Mais votos...

Mas o importante é que a atualização do imposto sobre estradas municipais não foi feito com base no cadastramento. O ponto culminante da história, como podemos concluir, é que a Prefeitura pagou para a realização do trabalho e não só não o utilizou, como nem sabe que o mesmo existe.

O meio rural de Jundiá pode contar com a maior quilometragem asfaltada do Estado. Basta levar em conta os itens contidos no cadastramento. As propriedades com uso do solo negativo pagariam mais do que as com uso positivo e o pagamento seria por hectare. Vamos asfaltar as principais estradas rurais.

Minha avó — faz tanto tempo! — começava suas estórias assim: Era uma vez um pobre lavrador que morava no fundo de uma floresta... Hoje, felizmente, alguma coisa mudou: o lavrador é menos pobre, mora longe e vota...

O Bartimeu

O ping-pong de um requerimento

O Diretório Municipal da Arena, após ouvir a exposição de um de seus membros, constituiu uma comissão de técnicos da cidade para apreciar o processo da concorrência do plano viário de Jundiá e, mais particularmente, a parte que se referia à avenida Córrego do Mato.

Após exaustivos estudos, o relatório final foi apresentado pela referida comissão. Este relatório, no entendimento da comissão executiva arenista, não poderia de ser levado ao conhecimento da Câmara Municipal, assunto tão importante não poderia ser sepultado, eis que a concorrência e o contrato das obras do sistema viário foram considerados lesivos à economia do município.

Como se decidiu, democraticamente se fez. O relatório foi encaminhado à Câmara Municipal, que é o órgão fiscalizador dos atos do prefeito, bem como ao Tribunal de Contas do Estado.

A Câmara Municipal, é bom que se diga, desempenhou bem o seu papel, instituindo uma comissão especial de inquérito para examinar o documento sob seus variados aspectos, uma vez que, tecnicamente, nenhuma dúvida foi levantada.

A comissão de inquérito foi assessorada por um jurista especializado em assuntos de

administração, o dr. Ovídio Bernardi, que ofereceu bem fundamentado parecer, apontando irregularidades e ilegalidades que poderiam ser erigidas ao se dar prosseguimento ao processo. Reunida a referida comissão de inquérito, examinou o parecer, concluindo que o prefeito não tinha andado bem na contratação daquelas obras.

Tudo muito bem até aí. A mesa da Câmara procurou ouvir o assessor jurídico da Casa, dr. Aginaldo de Bastos, para saber como orientar-se daí para a frente. Este entendeu que a comissão de inquérito deveria descalçar a bota e o presidente, a seguir, encaminhou o processo à comissão de justiça e redação.

Depois disso nada mais se soube. Mas deseja-se saber, pois o problema é realmente dos mais importantes, não podendo ficar no pingue-pongue, prática não cabível para o nosso Legislativo e mesmo por que todos estão na expectativa de um desfecho para a questão levantada.

O processo tem que ir a plenário, com projeto de resolução, para que se decida, ou pelo arquivamento ou pela adoção de providências para chamar à responsabilidade quem de direito.

Ademércio, um homem de jornal?

Ademércio Lourenço, embora acumulado de afazeres, como tocar o Lago Azul e ainda atuar como advogado militante no Fórum de Jundiaí, participa, hoje, deste modesto empreendimento no setor jornalístico da cidade. Ou seja, o **Jornal de 2.a Feira**. Que razões o teriam impedido a aderir a esta idéia, formando ao lado de outras 25 expressivas figuras do meio empresarial e atividades liberais na composição do quadro de sócios da Editora Japi Ltda., proprietária deste semanário?

Ademércio é quem afirma: — Todo efeito pressupõe uma causa ou causas anteriores que o justifiquem. Partindo desse pressuposto incontestável, considero justo muitos leitores quererem

saber por que participo deste empreendimento. Entenda-se, de antemão, que jornal é uma atividade econômica como qualquer outra. E, assim sendo, porta-se, sob muitos aspectos, como qualquer outra empresa. No nosso caso, somos o terceiro órgão de imprensa desta cidade e objetivamos suprir uma necessidade dos leitores, que é a leitura de um jornal da terra às segundas-feiras, com o que esperamos também atingir os fins econômicos a que uma empresa deve se propor. Além disso, temos consciência de que nossa pequena imprensa tem plenas condições de atuar e fazer alguma coisa em prol de Jundiaí. Como se vê, é duplo o nosso objetivo.

Como empresário já prati-

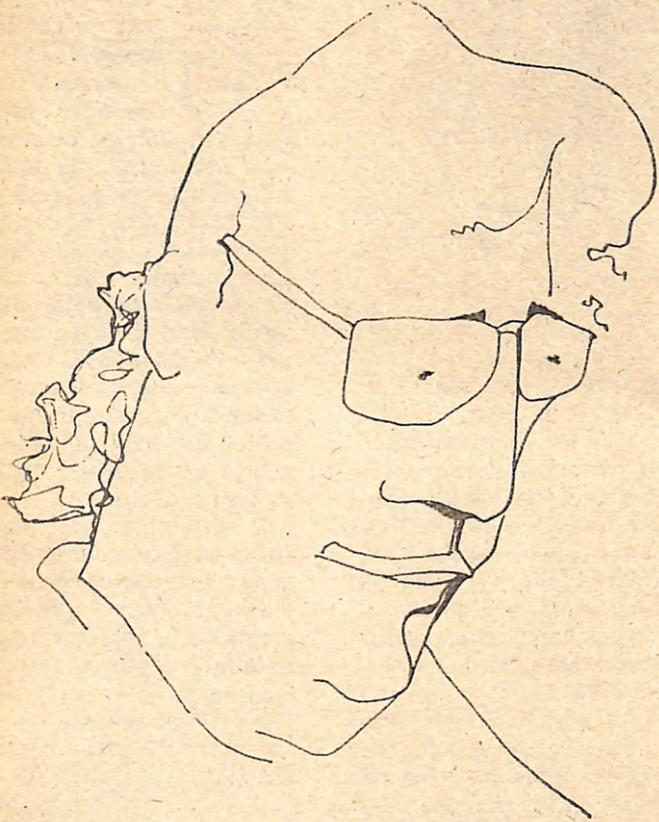
camente realizado financeiramente, não teme que este empreendimento perca por pouco tempo?

— Será que existiremos por muito tempo? Esta é uma boa pergunta. Aposta que existem por aí muitos incapazes e oportunistas prognosticando os dias e o tempo de duração do nosso jornal. De certa forma, nem nós mesmos podemos afirmar se o **Jornal de 2.a Feira** irá sobreviver por muito ou por pouco tempo. Esta é uma questão que caberá aos nossos leitores decidir. Certo é que procuraremos subsistir sem interferências de interesses de terceiros, o que já nos anima bastante. Afinal, qual é a pessoa que pode prever o seu dia final? Ademais, nem sempre é a árvore que mais tempo permanece viva é a que produz mais frutos. Que importa vegetar por muito tempo? É preferível viver menos tempo, mas com mais intensidade.

Para ilustrar seu ponto de vista, Ademércio recorre à seguinte figuração:

“De certa feita, um comerciante prático nos disse: “sempre que se fizer um empreendimento suprimindo uma necessidade, o êxito é certo. Se tivermos que provocar a necessidade, precauções terão que ser tomadas”.

“Ora, se as coisas, ao nosso ver, não andam bem em Jundiaí, pois ninguém defende e propugna por interesses da comuna, então ao tecer críticas construtivas e com certa profundidade, em ângulos de observação e diferentes, estaremos preenchendo uma necessidade. Podemos admitir, no caso presente, que não estamos com nossa presença apenas preenchendo ou satisfazendo necessidades, porque, segundo os pessimistas, os omissos e os acomodados, tudo o que está aí é melhor para a cidade. Se assim acontecer, desde já reconhecemos a nossa intromissão no mundo das comunicações e como tudo é contingente, não existimos, existimos e não existiremos. Afinal, para o bom soldado, o mérito não está na vitória, mas sim na luta. Se aquela vier, apenas coroará esta última”.



Político frustrado...

Quando lhe foi dada pelo líder e na época presidente do Diretório Municipal do MDB, Abdoral Lins de Alencar, a incumbência de processar o vereador Rolando Giarola, do mesmo partido, por calúnia, injúria e difamação, devido a umas alterações suas na sessão de 4 de novembro de 1974, o advogado Lemos não contava nem de longe que viesse a ser alvo de uma pichação justamente na peça por ele próprio encomendada à polícia. Entretanto, no relatório que acompanhou o inquérito policial remetido ao Fórum pelo delegado Décio Funari Martins, lá estava citado o conhecido advogado e presidente da 33.a Subseção da OAB como “frustrado político de nossa cidade”, só por haver servido profissionalmente naquela causa em que era interessado o líder emedebista. A citação do delegado, contudo, não abalou o nosso causídico, que até procurou justificá-la: “Quis ser vereador e me elegi; quis ser vice-prefeito e durante quatro anos ocupei esse cargo; agora, se minha grande aspiração é ser presidente da República e o processo eleitoral não me deixa chegar lá, que vou fazer? Só tenho mesmo que me conformar!”

Da encampação da assistência médica pela Municipalidade

Os altos escalões do Governo federal, preocupados com as críticas à assistência médica brasileira, analisando as falhas inerentes à hipertrofia do INPS, procuraram dar às municipalidades a responsabilidade da cobertura das ditas impossibilidades.

Assim, vemos que foram criados em Jundiaí postos médicos de atendimento ambulatorial, as quais estão distribuídas por vários bairros populares, que, em princípio, seriam os de maior mortalidade infantil.

Longe estaria nossa intenção de criticar os méritos da medida.

Porém, pomos em dúvida a forma de execução: tais postos serão lotados por equipes médicas que, sabemos, não passaram pelo crivo necessário e democrático do concurso público.

Consideremos assim que, se o próprio INPS, para o credenciamento dos seus facultativos, exige um mínimo de requisitos — prova de especialidade, tempo

mínimo de vivência prática etc. —, e, assim mesmo, concorda em ser falho o dito atendimento, como considerar que a população teria melhor assistência aos seus problemas nosológicos? Estaria se projetando — no que é mais caro para os munícipes — os mesmos dissabores que os impostos em outras áreas da administração pública local? Não se estaria tentando apresentar um atendimento de baixo nível apenas no sentido de se oferecer empregos, mesmo com prejuízos à coletividade, a apadrinhados e protegidos? Protegidos que seriam, estaprolando-se à realidade nacional, os responsáveis pelas crescentes taxas da referida mortalidade infantil?

A intenção, nestas perguntas, não é a de provocar polémicas estéreis. Mas não se pode negar ao povo o direito de vê-las respondidas. Pois sobre esse mesmo povo é que estariam assentadas as falhas e as virtudes do referido projeto.

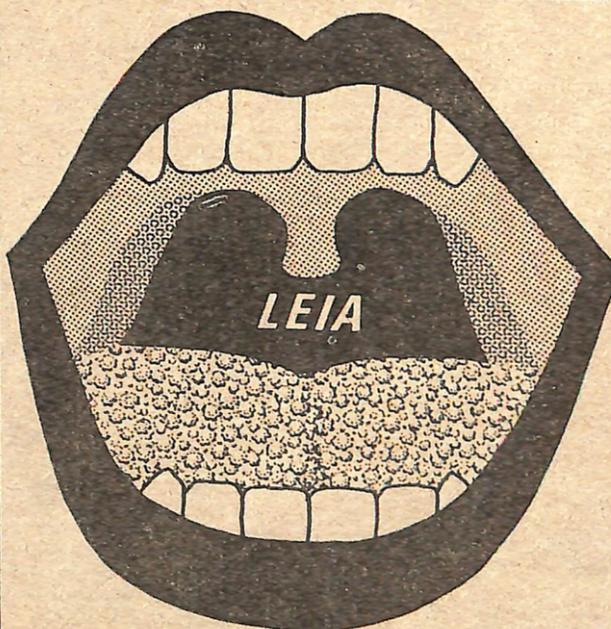
O MDB em perigo

“Infelizmente o MDB a cada dia que passa está caindo no ridículo perante a opinião pública, principalmente perante as populações do Interior do Estado.” Tal advertência foi feita pelo deputado Osmar Fonseca, depois de ouvir as manifestações dos colegas de bancada Rubens Grangas de bancada Rubens Grangas e Gustavo Korte favoráveis à aprovação do nome do bacharel Ítalo Fittipaldi para a superintendência do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo. Granja, em seu discurso, dissera ser impossível “deixar de louvar a atitude do sr. governador por essa indicação”, acrescentando ainda que se tratava o indicado de um “ilustre patriota”. Korte que, no dia anterior, havia criticado, em aparte, a outro deputado, “a mediocridade do segundo escalão” do atual Governo do Estado, modificara o tratamento em relação à mensagem propondo o nome de Fittipaldi, dando-lhe seu “voto de confiança” e “emprestando-lhe “a esperança da classe política, porque s. exa., como político de gabarito, com um “currículum” formidável, pode imprimir à superintendência do IPESP uma nova mentalidade, não de compadrismo de spaniguados, mas de atividade consciente, de realizações, de produtividade e de trabalho”. Osmar Fonseca, porém, colocou abaixo todos esses elogios, iniciando a apreciação do nome do indicado com as seguintes indagações: “Quem é que não conhece o cidadão indicado para o IPESP? Quem discorda que esse cidadão é o maior politiquês deste Estado e deste País? Quem é que não sabe que esse cidadão, em São Caetano do Sul, cidade que temos a honra de representar nesta Casa, massacrado o Movimento Democrático Brasileiro, juntamente com o atual prefeito da cidade? Quem é que não sabe que esse cidadão é ligado aos grandes escalões da Aliança Renovadora Nacional?” Depois, passando à fase das respostas, aduziu: “Não temos nada contra a pessoa do sr. Ítalo Fittipaldi, mas discordamos da “política” exercida, da maneira supra de se fazer política na cidade, usando-se de tudo, impondo o candidato a deputado à vontade de professores de estabelecimentos de ensino para entrega de cartas aos pais e às mães de crianças, pedindo o voto encarecidamente. O cidadão, a nosso ver, no IPESP, irá simplesmente fazer política, porque já o conhecemos de longa data. Mas o povo de São Paulo, que analisou profundamente a atuação deste cidadão na Câmara Federal, no último dia 15 de novembro deu a ele tudo que merecia, que foi a derrota nas urnas...” (C. F. P.)

Quebra de silêncio

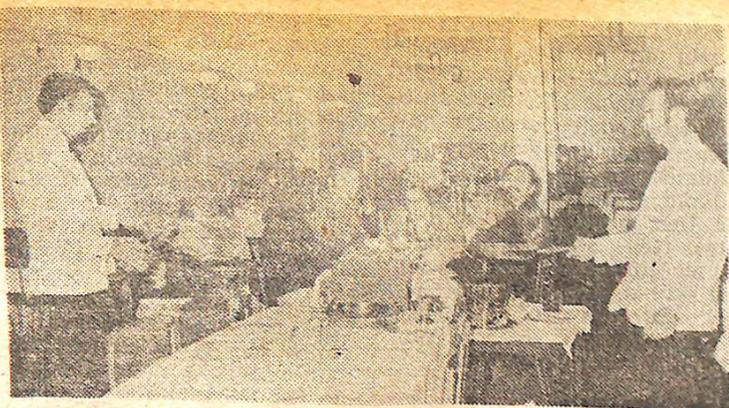
“Tem a palavra o nobre deputado Eduardo Coutinho”. Ao ser feito esse anúncio pelo presidente da Assembléia, quatro meses depois de inaugurada a atual legislatura, toda a atenção do plenário voltou-se para a tribuna que ia ser ocupada pelo deputado estreante. O clima era de grande expectativa. Aguardava-se um bombástico pronunciamento acerca da conjuntura política estadual ou algo assim que justificasse a inesperada quebra do silêncio do elegante deputado. Para surpresa geral, porém, sua fala assim iniciou: “Presidente, nobres srs. deputados, é a primeira vez que temos a honra de usar esta tribuna desde que fomos guindados a esta Casa, graças ao apoio dos amigos que suflagraram (sic) nosso nome nas últimas eleições de 15 de novembro. Sejam, portanto, as nossas primeiras palavras dirigidas aqueles leais companheiros que, não obstante as limitações deste deputado, neofito nas coisas da política, não vacilaram e de maneira incondicional prestigiaram nosso modesto nome no último pleito. Cabe aqui um agradecimento todo especial aos funcionários da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, principalmente aos que servem nas agências do Interior, que, de maneira espontânea, voluntária e sem constrangimento se constituíram na mola mestra da nossa vitória numa eleição cujos resultados são mais do que suficientes para justificar a nossa satisfação...” Seguiu-se a leitura de um demorado relatório das atividades da Caixa Econômica do Estado de São Paulo na gestão do presidente Achilles Vezzone, restando, porém, ao orador, mais alguns minutos do seu tempo que foram gentilmente cedidos ao deputado Ademar de Barros.

JORNAL DE 2.^a



LEIA

TODA 2.^a FEIRA NAS BANCAS



Serviço de recheau

Há dois anos, mais ou menos, o restaurante Haití vem oferecendo aos gastrônomos jundiaíenses serviço de recheau (recho) para os entendidos. O proprietário Piero Schiavi trouxe de Santos esta novidade numa de suas estadas por lá. Acompanhando sua mulher dna. Ida fizeram suas refeições no Don Fabrizio, tradicional casa santista, famosa pelo seu atendimento requintado e seleta freguesia. Foi olhar, gostar e comprar a idéia. Ida, será que dá certo este negócio em Jundiaí? Acho que fica caro, não? Vamos tentar? Se não der, fechamos. Ela, profissional eficiente, mão direita do marido, nem titubeou. Semana seguinte estava o maitre do Don Fabrizio apresentando o novo servi-

ço para os garçons do Haití. Diz o Piero: "Ficou uma nota. Felizmente deu certo, e olhe que foi tudo sem divulgação".

Neste sistema, para quem ainda não conhece, a comida é preparada na frente do freguês. Massas, carnes, legumes e crustáceos. A grande vantagem, além do espetáculo pirotécnico, é ver se o filé ou o camarão, ou seja lá o que se for comer, está ou não do nosso agrado. Principalmente na quantidade, não é Piero? Ah, tem mais, o que você pode aprender de temperos e grandes segredos da cozinha do Haiti, não é mole. Qualquer palpite já está incluído no preço. A razão do sucesso, segundo Piero Schiavi é que o jundiaíense já aprendeu a comer bem.

Sua cidade

Aqui nós nos prontificamos a mostrar a cidade, com tudo que ela possa apresentar de serviços, problemas comuns do dia-a-dia, deixando claro que nos é impossível esquecer o ser humano.

O mecânico está muito atarefado atendendo a mais um caso de acidente ocorrido na cidade. Está dando o orçamento de um conserto de um Volks a uma moça que sai apressada prometendo voltar amanhã. Este orçamento foi, talvez, negociado várias vezes, já que a cidade está bem servida de tais profissionais. São quase todos formados pela necessidade de se restaurar as formas originais do automóvel, quando este se acidenta, por ocasião da falha mecânica, ou mais frequentemente, pelo erro humano. Mas esse erro, quando acontece, nem sempre é motivado pela inabilidade do homem. As vezes, nesta cidade, procura-se um sinal de trânsito, e ele raramente é encontrado. Está colocado atrás de uma árvore, ou simplesmente, está desligado, coisa que, para a estrutura viária de uma cidade de mais de trezentos anos é fatal. As



esquinas são em ângulo reto, na zona central. O planejamento urbano feito pelo Plano Diretor concebeu reformas específicas para este fim. Mas foi abandonado e em seu lugar, aparecem extraoficialmente as contas de consertos, ou as apólices de seguro que oneram a receita familiar. E esta receita já é comprometida pelos impostos que deveriam cuidar da manutenção, talvez sem querer ser original, das ruas da cidade. O movimento é grande e esses profissionais se somam na tentativa de corrigir certos erros. Além das campanhas educacionais de trânsito, é claro.

Este é Boris, o funileiro. Sua oficina é como quase todas as cinquenta outras existentes na cidade e é ele, na maioria das vezes que atende os casos de acidentes. Não tem guincho, mas mantém consórcio com o Crupe que envia serviços para o Boris executar. Tem seu sócio Mauro que dá uma boa mão, e juntos ainda encontram tempo para um atendimento muito especial. Pessoas como o Beca, Roberto Bocchino que gosta de estar transformando seus

automóveis convencionais para uma forma mais personificada, o Boris atende com jeitinho especial. Sua oficina fica no Vianelo, à rua João Luís de Campos n.º 111. É um barracão comum no fundo de um terreno repleto de carros amassados, desmontados ou semiprontos, sem qualquer sofisticação. Quando menos você espera, está pendurado na parede um grupo de esculturas em cobre marchetado, com uma forma primitiva de expressão, mas autêntica, como seu trabalho. Iniciou na profissão aos onze anos. Hoje, com trinta e cinco, conhece seu ofício. Quando você lhe pergunta o porquê das esculturas, ele diz gostar de fazer e confessa que seu grande sonho seria reproduzir a fachada do Solar do Barão, aquele casarão bonito, segundo diz. Mais adiante você fica conhecendo as origens de sua arte: é sobrinho de Issis Roda, o pintor das madonas bizantinas. — Mas você precisa mesmo é conhecer meu tio, o João Rei, ele tem um bar-antiquário. E, como dizem, um antro de boêmios e intelectuais de São Paulo, e fica no Itaim.

Vamos falar de esportes? Que esportes?

O que temos de esporte em nossa cidade?

Se fizermos uma comparação com outros centros, chegaremos à triste realidade de que estamos, pelo menos, cinquenta anos atrasados.

Temos um dos mais belos ginásios de esportes da região, que tem como maior utilidade servir de local de apuração de eleições, quando elas acontecem. Quantas competições patrocinamos?

Se pretendemos assistir algum bom jogo temos que ir a Campinas (que beleza de promoções) em ginásio que é a metade do nosso, assistir vídeo tape pela televisão, ou assistir lutas de box que a Prefeitura patrocina e que pelo preço elevado do ingresso, ninguém vai. Por que ficamos assim?

Primeiro porque os abnegados estão desistindo de lutar ou ainda, infelizmente, morreram e não tiveram substitutos à altura. O atletismo possuía Leoneto Carletti. Homem idealista, lutador e com condições financeiras de patrocinar sozinho, sem ajuda de ninguém, o seu esporte preferido.

Do nada, chegamos a campeões do Estado e nossa seleção nacional contava com pelo menos quatro jundiaíenses.

Mudemos o tempo, no mesmo cenário, os homens preocupados com a nossa decadência esportiva começaram a trabalhar.

Foram fundados com o fim específico de incentivar o esporte já que os existentes, a cada mudança de diretoria, jogavam na rua seus atletas.

O Jundiaí Club, o Olímpico, a Associação Jundiaíense de Atletismo, nasceram para atender lei municipal criada pelo governo Walmor. Todos trabalhavam, criaram suas equipes. Jundiaí começou a colher os frutos. Participava de todos os campeonatos oficiais que São Paulo organizava. Cedeu jogadores e atletas para as seleções paulista e nacional (Marcel é a prova mais evidente), o atletismo e o vôlei começaram a resurgir das cinzas.

De repente, como por encanto, mudou-se tudo de novo, criou-se nova lei, o esporte competição não interessava mais (não a nós, mas a eles) e o esporte de massa passou a ser o preferido.

Perdemos nossos melhores jogadores, não pudemos (ou soubemos) segurar nossos atletas, e hoje, começo tudo de novo, até que outros, com novas idéias e melhores, voltem a valorizar a situação anterior.

Enquanto isso ficamos sem ter a quem reclamar, ou dirigimo-nos ao presidente da CCE a famosa Comissão Central de Esportes.

Tínhamos nos esquecido que a CCE está também sem presidente desde abril de 1975.

E, não tem jeito, vamos reclamar a don Gabriel.

VÓLEI DE FORA

De 21 a 27 deste mês, as atenções dos esportistas estarão voltadas para a cidade de São Carlos, que vai sediar os VI Jogos Regionais.

Jundiaí estará participando com um total de 150 atletas, aproximadamente. Lá, eles ficarão alojados no Ginásio Estadual "Juliano Neto", localizado à rua Major Inácio, com o telefone 4605.

Os jundiaíenses disputarão estas modalidades: futebol, basquete, atletismo, natação, tênis de mesa, tênis de campo, judô e xadrez. As maiores chances são do basquete masculino e do tênis de campo, masculino e feminino. Poderá ter alguma chance também o basquete juvenil.

Quanto ao atletismo, a equipe é nova, mas já tem alguma condição de vitória, embora isto seja para 1976 ou 1977. Já no vôlei acontece o que um membro da CCE explicou: "Vôlei não entra nesses jogos porque os técnicos não concordaram com a proposta da Prefeitura e os atletas acham que sem técnico não dá para participar". Foi tentada a contratação do atleta Afonso, para a função. Mas os jogadores não concordaram.

LEANDRO

UM PLANO EXPERIMENTAL NA CCE

Depois dos Jogos Regionais, a CCE começará a desenvolver um projeto que visa, em última análise, melhorar a situação do quadro de atletas jundiaíenses, corrigindo as falhas que vinham impossibilitando uma renovação constante de valores.

O plano será desenvolvido no Ginásio Municipal de Esportes, no Centro Esportivo da Vila Rami e no Centro Esportivo da Vila Rio Branco, onde já foram realizadas pesquisas para saber quais as modalidades mais preferidas pelos nossos jovens, permitindo estabelecer-se um rol de prioridades. A partir disto serão estudados os horários de treinamento e enviados técnicos para a iniciação dos nossos jovens no seu esporte preferido.

Professores que já foram contratados: para o basquetebol feminino — Nestor; para o basquetebol masculino — Ângelo; para o atletismo — Atilio; para o vôlei feminino — Ivone; para o vôlei masculino — Afonso, e para a natação — Miriam.

Com o início dos treinamentos, cada centro formará suas equipes e entre elas serão promovidos torneios para seleção dos melhores valores. Estes irão representar o seu centro nos torneios intercentros e, finalmente, aparecerão

aqueles que irão integrar as futuras seleções de Jundiaí. É, pelo menos, isso o que esperam os mentores da CCE.

A partir de agosto se desenvolverá um plano de atividades esportivas que promete não deixar a cidade sem pelo menos duas modalidades competindo todo mês.

Quem gosta do vôlei poderá começar a praticá-lo inscrevendo-se desde já no Ginásio de Esportes. Quem gosta de basquete precisará esperar um pouco mais, porque a CCE ainda não tem solução para o problema de técnico.

Com todo esse programa a intenção dos dirigentes do nosso esporte chamado menor (mas que é, em verdade, o mais sadio e importante) pretendem colocar Jundiaí em pé de igualdade com outras cidades, como Campinas e Santo André, que possuem bons esquadrões em quase todas as modalidades. Nestas cidades o sistema usado é o que se pretende implantar aqui e os resultados têm sido excelentes. Se um clube quiser montar um time, isto será bastante econômico, pois já terá um grande número de atletas iniciados, necessitando apenas lhos proporcionar o necessário aperfeiçoamento.

(L.M.O.)

INOS CORRADIN, UMA BOA ESCOLA

EDUARDO DE SOUZA FILHO

O atelier é exatamente aquilo que você está imaginando. A mesa de trabalho é cheia de tinta, de vários quadros e você quase identifica um instante de abstração na vida deste indivíduo. Vive ainda, apesar de seus inúmeros amigos e admiradores, num porão adaptado com salas ocupadas para o trabalho e uma única no fundo onde você pode ser recebido com a devida calma para um papo informal. Esta é a proposta. Inos Corradin, pintor por definição nascido em Vogogna, no Piemonte em 14 de novembro de 1929.



— Estou em Jundiá agora por nove anos, depois de três outras tentativas anteriores. Mas, você sabe, meu pai nasceu aqui. Ninguém pode me chamar de estrangeiro. Ele quase se esquece que foi-lhe outorgado um título de cidadão jundiáense. Quanto aos nossos problemas, da cidade, no tocante as artes, Inos inicia seu relato:

— Não saberei por onde começar. Parece que anda melhor. Tem a Cuca, o Salão. Tem paradoxos. Carece de bons movimentos concatenados. Isto reflete a Eucat-Expo. Como podem estar de fora o Beto, Cecchi, a dna. Fernanda Milani?

O Inos acha que este esforço todo de união, apregoado pela imprensa local carece de maiores conhecimentos, a união fura onde se pensa que artistas juntos produzem o melhor. "Nada disso", diz ele, o artista existe por si". O movimento de salões é fato paralelo, onde a imprensa estimuladora a manifestação coletiva. A cinemateca, o bar, o clube são pontos de reunião. As associações são classistas. O Inos dá a impressão que um sindicato seria uma alternativa.

E tem ainda o fator quantitativo. Não é verdade que quando você consegue relacionar, num gran-

de grupo, artistas de todas as tendências, você consiga com isto um alto teor, um bom gabarito artístico. Pelo, contrário, você consegue diluir valores.

As perguntas se sucedem. E uma Escola de Arte, como poderia ser. Inos escolhe outro ângulo do banco junto a parede e ataca:

— Ninguém pode ou deve abrir caminhos sem necessidade. Várias escolhinhas foram tentadas, mas sempre careceram de bons professores. Uma escola na cidade é necessária, mas creio que não comporta.

Inos se acha um "figurativo moderno". — Vejo a arte como uma manifestação íntima, intimíssima. Faz parte de minhas carências básicas. E não penso nela, na arte, não é uma atividade cerebral. Esta atividade cerebral complica. Não analiso o mundo. Faço o que sinto, às vezes vomito coisas para um quadro e não sou muito dado a elocubrações intelectualoides, não sinto necessidade delas. Me é essencial e por isto traduzo o que está em mim. Vou mais longe, acho que todos, fazem isto mesmo. Essas pesquisas geralmente são áridas, eunucias, pretenciosas e ostensivas. O termo quanto as pesquisas feitas são epidérmicas e de pouca duração. Creio que devo citar Picasso quando disse que o "artista não procura, ele acha

trabalhando. Supera os obstáculos." Certa vez, o pintor espanhol Abellá o convidou para uma exposição sobre ecologia e o Inos se lembrou que tinha sido atingido pela ausência súbita de verdes, suprimido pela devastação de florestas que andam acontecendo. Sem perceber foi atingido. Ele cre que sempre irá pintar mais uma árvore, quando achar falta dela, irá enfatizar esse fato.

Por outro lado este pintor lamenta a divisão da arte em Jundiá. Porque dois salões? E a Associação dos Artistas Plásticos Jundiáenses não concorre para melhorar as coisas. E quanto ao Encontro Jundiáense de Arte, o quarto, o Inos participou dos outros três. Ele acha que foi uma experiência positiva. E esta experiência foi novamente aproveitada. Inos tem uma sala especial no IV Encontro de Artes.

sobre a vanguarda e os acontecimentos não chegam. Toda discussão de arte insiste em ser, antes de tudo, polêmica, confusa e subjetiva. A gente vê arte contemporânea como se tudo estivesse dez anos atrás, afirmo isto. A discussão, portanto, por mais contemporânea que seja, antes de terminada já nasce morta, desnecessária, inconsequente. Todo mundo insiste em conservar o mito em cima do artista. Todo artista é uma estrela em potencial.

— Tudo OK. Agora, fala: e depois do projeto Segurança, aquele da Bienal, como ficou? — Olha, ficou um jornal sem circulação. Deu-se, ali, com as devidas emendas, um retrato da situação. Como tudo o mais, tínhamos um espaço a interditar. Interditar, interditar, difícil de abrir, apesar da vizinhança e do Cicilo Matarazzo, mas aconteceu que inauguramos desatando e rompendo convicções e impressões sociais, para que? O projeto chamava-se Segurança. Depois, para que vou voltar a pintar?

O projeto era uma coisa, tinha um projeto. Virou discussão dela mesma. Tinha um banco, o artista de cima, o de baixo, o organizador. Foi muita exposição. Você veja, no livro "O caos nosso de cada dia" tem um capítulo que pergunta como levar para casa uma coisa dessas. Pois é, temos memória. E esse livro é "best-seller", vende pacas.

— Tá legal; então, Du, cabe uma escola de arte em Jundiá? — Ah, cabe. Mas tem que ser de teatro, cinema, música, por aí. — Du, o "non sense", o absurdo, como forma de expressão, como é que fica? — É, pode ser o caminho. — E o erro, é palpável? — O erro é um saco. O perfeito é perfeito? O perfeito é perfeito?

E nada se alterou naquela cozinha. De passagem pelas salas tinha ficado nas pranchetas maravilhosos projetos de casas, na Malota, algum conjunto no litoral e uma litograva de Picasso num dos cantos.

DU PEREIRA, NA SENADOR

EDUARDO DE SOUZA FILHO

A Rádio Eldorado estava tocando uma série de tangos, talvez numa homenagem ao 9 de Julho argentino. No fundo de um corredor comprimido entre salas, abertas umas às outras por elipses e círculos, estamos na cozinha desta casa e, lá, Eduardo Carlos Pereira, o arquiteto, tomava seu café. Du é um moço que, entre as artes, esteve presente à última Bienal.

— Qual é Du, tudo bem? E ele não se impressiona muito com isso. Tem companhia na mesa, é a Selma Mendes, serena, em contraste com ele, agitado até nas horas menores.

— Pois viemos entrevistá-lo. — Falar sobre o que? é a resposta. — Bem, sobre as artes, não é mesmo? — Ah, tá bom, vamos lá. — Tudo bem, o que você acha que estamos fazendo em arte, na cidade? — Olha, o que eu penso é o seguinte: não passa de bairrismo. Como é que Jundiá está se comprometendo com a chamada "arte brasileira"? E com a "arte contemporânea internacional"? Minha visão é a seguinte: a arte está morta, a arte é totalmente artificial. No atual cenário, temos o seguinte quadro: parecemos um bando de cantoras domésticas querendo chegar a Ângela Maria sem César de Alencar. Existe uma hipervalorização do produto sem nenhum mercado



comprador. Todos baseados na formação clássica moderna que vai do impressionismo ao abstracionismo, passando pelas outras escolas, como o expressionismo, o surrealismo, o cubismo e pára. É uma erudição furada. No Brasil, em termos de salões, todos estão esperando o gênio da pop art, talvez, que já era nos anos sessenta, mas que não chegou a existir por aqui, de fato. Tem um Cláudio Tozzi e que mais? A arte é necessária, tem uma função maior que não este choro de carpideiras diante do defunto, a arte brasileira. Podem ser ilustrações, pintura, desenho. Os quadros seriam furos nas paredes, para que as pessoas pudessem ver as coisas. Assim, a discussão sobre a necessidade da arte fica definida.

— Mas, escuta, Du, e daí? — Ora, a informação

HORÓSCOPO

PROF. ZULEIKA

Aries (21-3 a 20-4)

Se você tivesse nascido no mesmo dia, na exata hora, mas em Campo Limpo, você estaria olhando para cá e pensando: "Ufa! Mais sete quilômetros que mamãe aguentasse e eu estaria frito!"

Touro (21-4 a 20-5)

Uma brusca mudança ocorrerá em sua vida, Taurino: vão asfaltar a tua arena. Você, que sempre se deliciou assistindo quem ousasse pisar o teu chão, você vai pagar. Muito caro. Não desanime, porém: asfalto é cultura, é progresso, coisas assim.

Gêmeos (21-5 a 20-6)

Se você é profissional liberal, ou autônomo, sua dupla personalidade vai lhe custar o dobro: a Telesp vai dobrar a taxa do seu telefone. Console-se: profissionais liberais e autônomos de todo o Zodíaco entrarão nessa. Dê dois sorrisos e vá em frente.

Câncer (21-6 a 21-7)

Se o nome do signo tivesse alguma relação com a vida, você estaria com os dias duplamente contados. O segundo motivo é que o pagamento de impostos vem aí.

Leão (22-7 a 22-8)

Não adianta urrar, meu filho, você votou no homem, achou que os outros

candidatos eram políticos. Agora é arrancar os pelos da juba e tentar passar por cãozinho de madame: casa de madeira, de 80 cm x 80 cm paga menos imposto.

Virgem (23-8 a 22-9)

Você, como os marcos históricos da cidade, estará seriamente ameaçada. Tranque-se em casa e procure entoar o hino de Jundiá, de trás prá diante, evitando apenas a estrofe que fala de filhos e amantes.

Balança (23-9 a 22-10)

Esse seu desequilíbrio é normal: como quase tudo nesta terra, as coisas andam pendendo para o lado errado. Dê graças a Urânio e Netuno por ainda ter

os pratos. Nos bairros mais distantes já tem gente estendendo a mão.

Escorpião (23-10 a 21-11)

Não adianta enfiar o rabo entre as pernas, Scórpio. Use o seu veneno, fale mal, reclame. E da próxima vez vê se vota certo, pô!

Sagitário (22-11 a 21-12)

Pois é, cidadão, deu bode. Você fez mal em acreditar naqueles folhetos coloridos e achar que a cor do seu bairro seria aquela. Aprenda a lição: quase tudo quanto é azul, em publicidade, é marron, ao vivo. Marron cor de bode.

Capricórnio (22-12 a 20-1)

Console-se, todos nós fo-

mos traídos, Napoleão foi traído, o próprio Cristo foi traído. Trinta dinheiros, ao câmbio do dia, é uma nota!

Aquário (21-1 a 19-2)

Pare de reclamar. Se está faltando água, lamba os beiços. Já pensou nos seus irmãos astrais ligados aos signos da Terra? Vai ser tudo asfaltado, meu filho (a).

Peixes 20-2 a 20-3)

Esse cheiro de podre é do córrego, Pisciano. Como? Você não mora por ali? Então o caso é mais grave. Mas console-se, o reino da Dinamarca já passou por isso e continua vivo.